

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

**A FEIRA SUDOESTE E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA
NO BAIRRO TRÊS IRMÃS, CAMPINA GRANDE-PB**

Davidson Matheus Félix Pereira

Campina Grande/PB
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE HUMANIDADES - CH
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA - UAG
CURSO DE GEOGRAFIA

**A FEIRA SUDOESTE E O CIRCUITO INFERIOR DA ECONOMIA URBANA
NO BAIRRO TRÊS IRMÃS, CAMPINA GRANDE-PB**

Davidson Matheus Félix Pereira

Monografia apresentada ao curso de Geografia da Unidade Acadêmica de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande elaborado como requisito para a obtenção do título de graduado em Geografia(licenciatura).

Orientador: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz.

Campina Grande/PB
2018

FICHA CATALOGRÁFICA

P436f

Pereira, Davidson Matheus Félix.

A feira sudoeste e o circuito inferior da economia urbana no bairro Três Irmãs, Campina Grande-PB / Davidson Matheus Félix Pereira. - Campina Grande, 2018.

66 f. : il. color.

Monografia (Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação: Prof. Dr. Lincoln da Silva Diniz".

Referências.

1. Feira Livre. 2. Circuitos Econômicos. 3. Ativismo Urbano. I. Diniz, Lincoln da Silva. II. Título.

CDU 339.174(043)

Agradecimentos

Nada mais justo do que enfatizar a importância da orientação dada pelo Prof. Lincoln Diniz, sempre com respeito a minha autonomia. À Prof. Eugênio, pelos ricos debates na disciplina Problemas Urbanos e Plan. Local por ele ministrada, Assim como o Prof. Thiago Romeu e os debates a cerca da teoria da dependência econômica na disciplina Geografia Regional do Mundo e em H.P.G.

Em segundo lugar gostaria de agradecer às conversas com a Prof. Nirvana e suas críticas sempre construtivas, assim como ao debates e o empréstimo de algumas obras cedidas pelo meu colega Gustavo. Assim como dos debates pertinentes com meus amigos Danilo e Breno nas praças da cidade. Assim como a ajuda na aplicação dos questionários que Danilo e Vinicius me deram. Da mesma forma os meus colegas de curso, Emmanuel, Victor, Brenda, Adna ,Léo ,Robéria, Hélio ,Rozilda, Jobson, Iluli, Elielson Yure, Luciano, Aninha. Alessandro e Yury.

No entanto a quem mais devo esse trabalho é a mulher da minha vida, minha mãe, Edilma, que sempre me apoiou em minha trajetória junto ao meu irmão Vinicius e meu pai Fábio que sempre me ensinou a buscar a verdade por mais que ela seja inalcançável. Também estou em dívidas com Danilo e Breno e com os Punk de CG, de JP, Natal e Fortaleza, assim como Washington, Adriel, Raivinha, Pedrin, Shayelly Nicollas, Alice, Marukesu, Allender, Janduí, Rubinho, Johell, Alisson, Marquin, Juliete, Carlota, Pivete, Marcola, Igor, Marília e tantos outros que sempre me ensinaram Geografia mesmo sem estarem cientes disso.

RESUMO

A produção do espaço urbano em Campina Grande, nos últimos anos tem se redirecionado em padrões difusos. O desaceleramento do crescimento populacional, tem ido na corrente inversa de outras cidades médias brasileiras, através de novas práticas da governança urbana que têm direcionado o uso e ocupação do solo para a Alça Sudoeste da cidade, tendo em vista reaver o crescimento urbano exponencial, e dessa maneira causando um espraiamento urbano uma fragmentação (MAIA,2010). Esse fenômeno se evidencia na periferação dos habitantes para o bairro Três irmãs, com a construção dos conjuntos habitacionais Major Veneziano, Acácio Figueiredo e Raimundo Suassuna. Nessa transformação da forma urbana, os moradores relocados para áreas próximas ao perímetro urbano, tem cada vez mais se afastado do centro da cidade, e conseqüentemente dos aparelhos urbanos, serviços e de consumo em determinados mercados. Atrelado a essa dinâmica o desemprego latente e crescente tem efeitos mais drásticos para estes que estão mais afastados do centro da cidade e, portanto, da concentração de fluxos, fixos e de capital. Suas possibilidades de adentrarem ao mercado de trabalho formal se tornaram ainda menos favoráveis ,relegando-os ao trabalho informal e a precarização do trabalho e de seus direitos enquanto cidadãos. À luz da teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos (SANTOS,1979), buscamos entender os processos sociais, que levaram à criação da Feira Sudoeste, no ano de 2017. Analisamos os fatores de produção do circuito inferior no bairro Três Irmãs e seus nexos com outros setores da economia urbana da cidade, em que podemos inferir a existência da necessidade dos moradores do próprio bairro consumirem nesse circuito inferior, fato que acreditamos estar relacionado ao baixo nível de renda dos mesmos e uma conseqüente menor possibilidade de acesso ao centro da cidade e de outros setores de sua economia urbana.

Palavras-Chave: Segregação; Circuitos Econômicos; Feira-livre; Ativismo Urbano.

Sumário:

INTRODUÇÃO..... 1

CAPÍTULO 1. O desenvolvimento capitalista periférico: das causas às consequências do desequilíbrio estrutural.....8

1.1. a necessidade de circulação do dinheiro.....9

1.2. Da crise à necessidade do ajuste espacial: a escala expansível do capital11

1.3. Acumulação flexível: O dismantelamento da coesão territorial e regional nos países subdesenvolvidos.....13

CAPÍTULO 2. A produção dos dois circuitos da economia urbana em Campina Grande: alguns apontamentos para uma análise dialética e crítica do Pobreza Urbana.....19

2.1. Especificidades dos circuitos da economia urbana: uma divisão urbana do trabalho?.....20

2.1.1. A influência da localização do comércio no circuito inferior.....22

2.2. Da feira à indústria ao serviço: a gestação dos circuitos econômicos em Campina Grande.....23

2.3. A relação campo-cidade: O campo e sua relação com os Circuitos.....25

2.4. Justaposição do circuito superior marginal na Feira Central e a dispersão forçada do circuito inferior para a periferia.....27

2.5. Um novo nexos do circuito superior na cidade: O bairro Cruzeiro.....30

CAPÍTULO 3: O nascimento da feira sudoeste: o processo de segregação e a formação do circuito inferior residencial no bairro Três Irmãs.....33

3.1. A busca da renda; deformação da cidade e miséria34

3.2. Características e Disposições Infraestruturais da Feira Sudoeste.....38

3.3. Localização residencial dos comerciantes, condições de trabalho e características do comércio.....41

3.4. Perfil socioeconômico dos consumidores.....46

3.5. Os desajustes da governança urbana campinense e suas implicações para a economia urbana da cidade.....50

3.6 A Feira Sudoeste : resultado da exclusão e possibilidades de conquista de justiça social na cidade.....	52
CONCLUSÃO.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....	59
ANEXOS I: Mapas e croquis.....	63
Mapa I :Referência geográfica de Campina Grande.....	63
Mapa II: Área antes da construção da Feira Sudoeste.....	64
Mapa III: : Feira Sudoeste.....	64
ANEXO II:	
Questionário I	65
Questionário II	66

LISTA DE IMAGENS:

Foto 1: Comércio de atacarejo na Feira Central	29
Foto 2: Complexo Habitacional Aluízio Campos	34
Foto 3: Condomínio fechado na Alça leste de Campina Grande	34
Foto 4: Conj.Major Veneziano.....	36
Foto 5: Conjunto Acácio Figueiredo/Raimundo Suassuna.....	36
Foto 6: Feira Sudoeste em perspectiva (Conj. Acácio Figueiredo).....	39
Foto 7: Calçamento de rua de acesso à feira sudoeste danificado.....	39
Foto 8: Os fluxos na Feira Sudoeste	40
Foto 9: Canal entres Os conjuntos Acácio e Raimundo Suassuna.....	41
Foto 10: Sopão e Bingo realizados pela nova chapa para nova coordenação.....	55

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS:

Tabela 1: Variação do número de empregos absoluta em Campina Grande.....	18
---	----

Gráfico 1: População urbana e rural de Campina Grande entre 1970-2000.....	26
Gráfico 2: Localização dos comerciantes da Feira Sudoeste.....	43
Gráfico 3: Ocupação anterior/Atual dos Feirantes	45
Gráfico 4: Principais abastecedores da Feira Sudoeste.....	46
Gráfico 5: Localização dos Consumidores da Feira Sudoeste.....	47
Gráfico 6: Renda familiar dos consumidores.....	47
Gráfico 7: Raio de alcance por setor de consumo dos moradores do bairro Três Irmãs.....	49
Gráfico 8: Consumo dos moradores por setor do comércio nos circuitos da Economia Urbana de Campina Grande.....	50
Gráfico 9: Endividamento o Município de Campina Grande em Comparação ao de João Pessoa-PB.....	52

INTRODUÇÃO

A segregação socioespacial não é um fenômeno novo no Brasil, as políticas habitacionais dos últimos governos, que exacerbaram alguns aspectos do problema nas últimas duas décadas, possibilitaram entre outras coisas aquecer a economia, a partir da construção civil, da indústria dos insumos para esse setor, e conseqüentemente dos outros setores que absorvem parte da mais valia excedente. O problema dessa política reside na impossibilidade de sua sustentabilidade econômica, herança de uma racionalidade que ainda perpetua os erros dos planejadores urbanos nas cidades dos países desenvolvidos, muitas vezes pensado de maneira contrária as demandas específicas das diferentes cidades brasileiras em que desconsidera seus lugar na rede urbana e a região em que se insere.

O resultado desta por muitas vezes se dá na cidade em uma divisão espacial e social de seus cidadãos, que são incluídos na lógica capitalista da possibilidade de terem a propriedade privada, a chamada “casa própria”, mas lhe renega direitos amplos e comuns, a cidade nesse ângulo deixa de ser obra (LEFEBVRE, 1991), se relega ao papel de ser uma engrenagem de um “território mecanizado” (SANTOS, 2013, p.37) que permite o aumento da classe média e a “sedução dos pobres por um consumo diversificado”, possibilitados pela sua inserção no sistema de crédito que “servem de impulso à expansão industrial”, mas também a uma forma de espoliar as pequenas reservas de valor da população pobre brasileira.

A forma de consumir das porções mais pobres tende a se remodelar a essa lógica, o que poderia nos permitir entender que o consumo moderno, inclusive eliminaria formas tradicionais de consumir e comerciar, como as feiras livres, feiras de troca, pois, não seria possível mais pensar esses lugares “imodernizáveis¹”; espaços de pechincha, barganha, escambo, produção familiar, relações interpessoais e laços imbricados a uma identidade regional e cultural avessa à lógica consumista do atual capitalismo de acumulação flexível.

Estas foram parte importante da atividade produtiva que participaram da construção de uma parte considerável das cidades brasileiras, pois permitiram instituir

¹ O silogismo aqui vem a expressar o conceito de arcaísmo estagnante do devenir histórico. Ao contrário desse pensamento para nós, as feiras sempre se modificaram por simplesmente se encontrarem em espaços com diferentes demandas e, portanto, se transformam à medida que a sociedade foi sendo marcada pelo tempo. Entendemos que as feiras livres têm uma maior possibilidade de resistir a determinadas pressões de modernização, pois sua estrutura de relações sociais e de trocas segue uma lógica parcialmente contrária à lógica hegemônica do capitalismo.

historicamente uma integração territorial, a partir dos intrafluxos urbanos e interfluxos regionais de trocas de informações, mercadorias, cultura entre outros importantes para a formação territorial brasileira.

Com a importação de uma racionalidade consumista, temos no final do século XX a instalação de redes atacadistas e varejistas de supermercados que imprimem no espaço urbano formas modernas de consumo. Panorama este que é ampliado e no século atual através da ascensão da “nova classe” média brasileira e da desburocratização do crédito, diminuição da inflação, política monetária estável e diminuição das taxas de juros, incentivando o brasileiro a consumir bens de capital.

As cidades brasileiras têm passado nas últimas décadas por mudanças estruturais no modo de produção de seu espaço urbano, principalmente através dos novos papéis a elas relegados, novos padrões de consumo, adentramento cada vez maior do capital das empreiteiras, das novas indústrias de substituição de importação e uma revolução no setor informacional, técnico, de serviços e com as políticas governamentais da era PT², um maior investimento no meio técnico-científico.

Hoje como nunca, o Brasil, assim como o mundo possui uma população urbana maior do que a rural. No final de 1960 constata-se essa virada da população urbana sobre a rural (SANTOS, 2013) chegando ao ano de 2010 o Brasil a ser dividido por cerca de 84,3% da população urbana em detrimento de 15,6 % (IBGE, 2010; IPEADATA, 2018) de população rural. Esse fenômeno, que Milton Santos chama de nova urbanização brasileira, desvenda um novo nível de complexidade e uma concentração crescente de população nos centros urbanos. Uma concentração de decisões e comandos, os quais o meio rural tende a se subordinar.

A cidade brasileira no período atual passou a ser pensada a partir de uma subjetivação dos sujeitos em uma ótica do consumo. O espaço urbano tem sido assimilado como um produto, racionalizado cartesianamente pelo sistema capitalista de

² Período referente ao governo do Partido dos Trabalhadores, onde ocorreram transformações no espaço brasileiro através da implementação do PMCMV, das Universidades Federais e IFs , período em que também houveram mudanças positivas na política econômica, com o Brasil assumindo um papel de protagonista no fortalecimento das alianças comerciais regionais, através do MERCOSUL e do BRICS após a sua criação em 2006, melhorando as condições de trocas com outras economias e diminuindo a dependência do Brasil para com os países desenvolvidos. Ao mesmo tempo foi nesse período em que o governo nacional fomentou investimentos no setor agroindustrial, criando uma dependência econômica de exportação. Investimentos notáveis na educação técnica e de ensino superior, foram realizados no intuito de tornar o mercado de trabalho brasileiro mais competitivo, ou seja, o Brasil assume uma política bilateral ,ou multilateral que teve seus méritos a nível de distribuição de renda, mas ao mesmo tempo continuou a permear as profundas desigualdades sociais no país visto que adotou uma política de cunho neodesenvolvimentista, que mostrou a ineficácia de determinadas coalisões e da conciliação de classes.

produção .Nas últimas três décadas o espaço urbano é cada vez mais integrado aos investimentos especulativos da financeirização da economia global, possível também pela quantidade de trabalho intelectual alocado nas cidades brasileiras, isto é, “dos intelectuais do sistema” (Idem,p.53).

Por que a Feira Sudoeste?

A cidade de Campina Grande se mostrou, desde o início de minha formação acadêmica como um enigma, pois os problemas urbanos que nela residem não pareciam estarem tão evidentes quanto nas aulas, ou nos livros. Nas pesquisas anteriores tentei analisar a problemática das ocupações irregulares nos bairros Cruzeiro , Estação Velha e Novo Horizonte, a partir do estudo das ZEIS e dos possíveis Movimentos Sociais Urbanos na reestruturação desses espaços.

As conclusões (ou indefinições) que obtive sobre a ação das SABs e da inexistência de MSUs propriamente ditos, me abriu os olhos para a abrangência dos problemas que a cidade impõe a grandes parcelas pobres da população. Mas ao contrário do que havia pensado, os cidadãos têm lutado constantemente por melhorias no espaço urbano, muitas vezes sem a participação do Estado, que na verdade tem se mostrado um agente das elites políticas da cidade.

Os orçamentos participativos, os conselhos orçamentais, e a “gestão democrática” a qual muitos representantes se sentiam inseridos, na verdade me evidenciou impressões contrárias, na verdade, a ideia de participação, funcionou nos últimos anos como uma forma de docilizar as lideranças de bairro. Esse fato me levou a mudar o meu objeto de estudo, direcionando a uma crítica a ação do Estado capitalista nos espaços urbanos, o que me levou a estudar o bairro Estação Velha e a ZEIS Califón, até chegar no Bairro Tambor, onde os moradores foram intimados a deixarem suas casas as margens da linha do trem.

Os motivos seriam da ordem de ilegalidade, pressões feitas pela União e o risco as suas vidas, quando na verdade alguns moradores já residiam no local há mais de 50 anos. O que percebemos é que o verdadeiro discurso que não se deixava esclarecer, é de que a remoção dos moradores serviria na verdade para uma possível reestruturação das vias ferroviárias e de suas margens para instalação de um trem para galante a fim de enobrecer a área, que inclusive ligaria a Estação Velha, onde cogitou-se instalar o Parque do Povo.

Nessas circunstâncias os moradores seriam relocados para o Conjunto habitacional Major Veneziano, ou um outro terreno cedido pela prefeitura, mas nenhum dos moradores entrevistados aceitavam esses termos. Em uma das entrevistas uma moradora de idade, afirmou que se fosse relocada do Tambor, se tornaria inviável seu trabalho na Feira Central da cidade.

Sabendo desse fato, me direcionei a estudar o conjunto habitacional Major Veneziano, o qual já conhecia, o processo de segregação e a produção do comércio informal no local seriam o objeto de análise, mas em um dos estudos de campo, passei pela Feira Sudoeste, essa que nunca ouvia falado e que se destacava em meio a toda aquela retidão e repetição de objetos no espaço.

A minha curiosidade por entender os motivos que levaram os moradores a construir a feira, de como se articularam e principalmente a ação do Estado como ator do planejamento urbano excludente, me levaram a tentar entender os dois lados da moeda, a feira como fruto da perversidade da segregação e ao mesmo tempo como prova da esperança e luta dos trabalhadores e trabalhadoras da periferia.

No seio dessa problemática, o estudo de caso da feira, se mostra como uma tentativa preliminar de aprofundar a interpretação dos sintomas da política urbana que Campina Grande vem adotando em seu ordenamento urbano.

Portanto, no estudo da Feira Sudoeste e o seu entorno no Bairro Três irmãs, há-se uma busca por analisá-la em seu contexto e função no *espaço absoluto* da cidade (HARVEY, 1980, p. 4-5). No entanto, esse recorte é analisado ao mesmo tempo em um segundo plano como um espaço relacional, considerando esse espaço “como estando contido em objetos” e que “representa dentro de si próprio as relações com outros objetos”. Dessa maneira nos é permitido classificar e individualizar determinados fenômenos, e chegarmos a resultados analíticos mais concretos.

Em síntese, deixemos nos fazer entender através de termos teóricos mais pragmáticos. A Feira Sudoeste carrega em si uma paisagem que remonta aspectos e se relaciona com outras paisagens preexistentes da cidade (outras feiras, outros comércios), apesar de ser um lugar único, singular (caso contrário não seria um lugar) ao mesmo tempo a feira – parte principal de nosso objeto de estudo – carrega consigo as representações de outros lugares da cidade e até de outras cidades (como João Pessoa, Boqueirão, Lagoa Seca), ela possui uma forma construída através de relações multilaterais e comporta conteúdos advindos de diferentes espaços e tempos, essa condição lhe fornece a condição de permitir o fluxo de mercadorias, trocas, pessoas;

mas não só isso, ela é fruto do próprio fluxo de intencionalidades que se contrapõem, se complementam e produzem o espaço urbano.

Esse fenômeno vem a contrapor alguns estudiosos, que possam vir a desconsiderar os sujeitos sociais e atores das camadas mais pobres na conformação e reorganização do espaço em contraponto a lógica racionalista da cidade. A Feira Sudoeste é dessa maneira, não apenas um espaço de sobrevivência, mas também de dissidência.

O nosso objetivo com essa pesquisa é, portanto, analisar a redefinição das funções atribuídas a parcela sudoeste da cidade de Campina Grande e entender os processos socioespaciais que desencadearam a produção do circuito inferior no Bairro Três Irmãs e identificar quais foram os processos sociais que desencadearam a produção da Feira Sudoeste, atentando-se a relação entre os agentes planejadores e a parcela da sociedade em questão na criação desse fenômeno urbano geográfico.

Tentaremos apontar alguns nexos de relação entre esse setor da economia com outros setores do circuito tanto inferior quanto superior da cidade. Além disso, tentaremos elencar alguns aspectos de redefinição da dinâmica dos circuitos econômicos urbanos da cidade tanto na rede central como periférica, em um contexto da criação de novas diferenciações de renda. Abaixo enumeramos algumas questões que tentamos elucidar no decorrer da elaboração da presente monografia.

- 1) Lançar uma pequena contribuição a despeito do método na geografia através da discussão da teoria da dependência econômica e o papel dos países subdesenvolvidos na nova lógica global.
- 2) Analisar os processos sociais que desencadearam o processo de segregação na Alça Sudoeste de Campina Grande.
- 3) Desvendar a relação entre a segregação promovida pelo PMCMV e subsequentemente a criação desse circuito econômico.
- 4) Traçar um perfil da infraestrutura da Feira, dos comerciantes e consumidores, assim como as limitações e potencialidades dessa primeira.
- 5) Relacionar de maneira analítica a dinâmica da Feira Sudoeste com os diferentes setores da economia urbana campinense e suas relações de dependência e interdependência.

6) A luz da teoria dos circuitos econômicos, buscaremos demonstrar o papel do diferencial de renda do solo urbano e trazer exemplos da criação de novos nexos do circuito superior na economia urbana de Campina Grande.

7) Analisar o papel do ativismo urbano na criação da feira e sua territorialização, e demonstrar possíveis soluções para superação dos enclaves espaciais e políticos que se postaram nos últimos meses na Feira Sudoeste.

Para chegarmos aos objetivos em questão não utilizamos uma, mas sim algumas metodologias, visto que a complexidade singular de cada questão levantada exigiu técnicas, e olhares diferentes. Nos pautamos em uma pesquisa quali-quantitativa, em que, tanto enfocamos os aspectos subjetivos e imensuráveis, Quanto os aspectos da realidade mensuráveis, passíveis de serem classificados e individualizados.

Em primeiro lugar uma pesquisa e revisão bibliográfica, com base teórica na questão da produção capitalista do espaço, na criação do subdesenvolvimento e da produção desigual do espaço urbano, alicerçada principalmente em HARVEY (1980), (2005), SANTOS (1979a,b), (1980) LACOSTE (1981) , LUXEMBURG (1970) e SMITH(1988), e em uma revisão da teoria dos circuitos a partir de SILVEIRA, M. L (2008), (2014) e SPOSITO (1999) na etapa empírica da pesquisa realizamos (registros fotográficos da paisagem e 7 estudos de campo³ com várias entrevistas espontâneas ou semiestruturadas presididos por pesquisas de notícias e jornais online.

Em segunda ordem, através dos dois antepenúltimos estudos de campo nos foi possível coletar dados primários através da aplicação de 24 questionários a comerciantes da Feira Sudoeste e 24 questionários a consumidores da mesma, totalizando 48 questionários. Seguido de dados primários, reunimos também, alguns dados secundários obtidos através do IBGE, IPEA e CAGED. Ao final todas as amostras foram tratadas transformadas em dados analisadas junto aos dados secundários afim de elucidarmos as questões levantadas previamente e ao decorrer da pesquisa.

³ Um Estudo de Campo no bairro Tambor, 4 estudos de campo ao bairro Três irmãs(A Feira Sudoeste no Conjunto Acácio Figueiredo ,Raimundo Suassuna) um estudo de campo através do perímetro da cidade (Incluindo os condomínios fechados da alça leste, Feira Central e Conjunto Habitacional Aluísio Campos) e um estudo de campo sobre o comércio no entorno do bairro da Liberdade e Jardim Paulistano.

Esclarecido a justificativa, aplicabilidade e os procedimentos adotados para realização da pesquisa reunimos agora uma breve síntese dos capítulos que foram reunidos na conclusão desse trabalho.

No primeiro capítulo há uma tentativa de trazer elementos teóricos e de método que possibilitassem introdutórias contribuições para uma análise dos princípios da acumulação de capital ,das crises de superacumulação e o papel das economias periféricas na economia global no decorrer da história moderna. Tentativa essa ,que entendemos ser útil para ajudar a entender as origens da dependência econômica a qual o Brasil foi relegado, as consequências do ímpeto da modernização ,da difusão de inovação no território brasileiro e as causas do efeito-demonstração que se perpetuam através da produção desigual do espaço e perpetuam as desigualdades socioespaciais no país até os dias atuais.

No segundo capítulo partimos para a discussão da teoria dos circuitos econômicos da economia urbana em que consideramos os circuitos como uma *Divisão Urbana do Trabalho*⁴ apontando os principais elementos necessários para análise do recorte de estudo da economia urbana campinense e da Feira Sudoeste. Ainda neste fazemos um breve levantamento histórico da formação urbana da cidade e seus principais setores da economia urbana, desde a relação do campo, a criação da feira central à chegada das indústrias encerrando com uma breve análise da reestruturação do setor comercial na cidade e a criação recente da Feira Sudoeste.

No terceiro capítulo relacionamentos a política urbana campinense excludente como resultante da necessidade da criação da feira. No mesmo capítulo fazemos uma descrição relativamente aprofundada identificando as características gerais da feira, do seus comerciantes e consumidores. Por fim tentamos trazer para a discussão as potencialidades e limitações da feira, da ação política do Estado e dos atores que fomentaram a feira.

⁴ Colocamos em itálico por não sabermos se esse termo já foi utilizado por outros autores.

CAPÍTULO 1- O DESENVOLVIMENTO CAPITALISTA PERIFÉRICO: DAS CAUSAS ÀS CONSEQUÊNCIAS DO DESEQUILÍBRIO ESTRUTURAL

Antes de adentrarmos a cerca da questão da dependência, se faz necessário apontar o método que viemos utilizando para apreender o espaço geográfico. O presente trabalho busca representar e analisar a realidade geográfico-social de um recorte espacial ínfimo, se comparado à totalidade geográfica global. No entanto, a paisagem produzida nesse recorte possui uma forma dissonante em uma microestrutura espacial e sua função é determinada por uma cultura e um processo social local condicionado (mas não determinado) a um processo de produção global. Sua complexidade específica se exacerba na medida que buscamos entender sua correlação com outros lugares e o seu lugar no processo de desenvolvimento capitalista em um país subdesenvolvido.

Ao falarmos de forma, processo, função e estrutura do espaço em sua totalidade, deparamo-nos com a dificuldade de analisá-los de maneira articulada e intrínseca (SANTOS, 1982,p.38) devido ao seu caráter multifacetado, geograficamente seletivo e mesmo único em sua diferenciação de escalas e recortes comparativos, a mesma dificuldade reside em entender a totalidade social que modifica os processos que se relacionam com as formas preexistentes, sejam elas artificiais ou naturais dando a esse substrato outras funções e transformando essencialmente a estrutura do mesmo.

O espaço não carrega em si mesmo a significação objetiva da explicação de sua existência tal como ela é (SANTOS, 1982, p.40), na verdade o sistema de objetos que integram o espaço é apenas parte da sua totalidade (ações, função, usos, conteúdo, fluxos, e etc.). A busca pelo entendimento da essência do espaço geográfico perpassa necessariamente por apreender os aspectos de sua constituição seletivamente condicionada às necessidades e intencionalidades dos atores e sujeitos sociais enrustadas pela história.

Efetivamente entender os motivos do subdesenvolvimento atual perpassa pela tarefa de apontar as necessidades criadas pela desenvolvimento capitalista no crepúsculo da modernidade e na aurora da pós-modernidade. O modo de produção capitalista tem se revolucionado continuamente, se metamorfoseando e ressignificando os papéis dos grupos dominados e dominantes na nova ordem global. A própria geopolítica nesse período “pós-guerra fria” e de despolarização, têm desvendado novos atores no jogo de forças do capitalismo. A compreensão da dinâmica do espaço tem um papel-chave no entendimento desse novo ordenamento e é uma tarefa necessária para evitar

cometermos os mesmos erros analíticos de grandes intelectuais do passado que renegaram a importância do fator espacial na constituição da economia, política cultura e no espaço social.

Os eventos que levaram a toda a presente complexidade da dimensão socioespacial do mundo, tem sua principal origem na formação da sociedade de classes e dos países imperialistas. Aqui não nos cabe remontar diacronicamente o fenômeno do capitalismo no processo de produção global do espaço, a tentativa apenas se dá, em se tentar apontar alguns aspectos importantes do desenvolvimento histórico-geográfico do capitalismo e dos princípios que levaram a criação do subdesenvolvimento.

Nem tampouco estaríamos aqui tentando revisar a teoria marxista da dependência, que já encontra bases teóricas sólidas. Em suma, o que mais nos preocupa é Alencar os elementos teóricos específicos que pensamos serem necessários para explicarmos os efeitos do subdesenvolvimento na economia urbana de uma cidade média do nordeste brasileiro e em especial de um pequeno setor do circuito inferior da, a Feira Sudoeste. Por isso nos é caro entender algumas dinâmicas do capitalismo, as causas e o papel do subdesenvolvimento na e para a economia global.

1.1 a necessidade de circulação do dinheiro.

O capitalismo, segundo David Harvey, já era apontado por Marx como não sendo uma coisa em si, um objeto concreto, existente a priori, mas sim manifestado através de uma relação de elementos, em suma, relação; trabalho-capital. Nesse contexto dialético contraditório, o espaço se torna um substrato dos processos sociais do modo de produção capitalista. Estes modelam o espaço dando-lhe diferentes formas, em função de diferentes interesses e necessidades, fomentados pelos diversos atores sociais ensejados em uma luta de classes delineadas no seio da história. (HARVEY, 1980).

Os princípios contraditórios internos do capitalismo não mudaram desde seu nascimento. O que não pode ser dito em mesma medida ao concernente a suas implicações ao espaço geográfico, que cada vez mais se globaliza e fragmenta. Em um contexto de diminuição das fronteiras do mercado e de flexibilização do capital – que alcança abrangência de penetração territorial em proporções nunca vistas – as fronteiras étnicas se enrijecem, criando conflitos sociais à nível interno e externo cada vez maiores.

A corrida pelo ouro e pela prata, foi o pontapé para o início da instituição de um comércio mundial, a partir da criação de um sistema mercantil e monetário na Europa. É

nos séculos XVI e XVII, período em que a sociedade burguesa moderna dava seus primeiros passos na busca pelo “eterno tesouro, ao qual não roem nem os insetos nem a ferrugem” (MARX,2008, P.201). Nesse período a sociedade burguesa era fundada na “esfera da circulação das mercadorias”, e em uma confusão entre as propriedades do dinheiro e capital. (idem, p.202), mas nunca abdicando do “domínio do valor de troca”. Esse que: “[...] assume a força elementar do dinheiro, e em todas as fases do processo de produção a riqueza volta a tomar sempre momentaneamente a forma elementar geral da mercadoria.”

O ouro e a prata metamorfoseados em dinheiro, enquanto valor de troca universal, era ao mesmo tempo um meio de circulação, ou seja, uma mercadoria geral, oposta às mercadorias particulares. Era aquilo que a economia política de cunho protestante-burguês-moderno buscava instituir, em oposição aos católicos com sua noção de ouro e prata como produtores de valor abstrato através do trabalho social. Em síntese, a burguesia necessitava instituir nessas moedas uma unidade de valor de troca em detrimento do seu valor de uso, com vistas a tornar estas um meio de circulação de mercadorias sob forma **M-D-M**⁵.

Para instituir a circulação de mercadorias globalmente, o colonialismo criou seus meios através do roubo dos escravos e da acumulação primitiva, em alguns locais foi necessário criar um modo de produção que correspondesse a escravidão como foi o caso da América do Sul. (MARX,2008 p.257) Sempre em função de abastecer as metrópoles através do metalismo produzindo um excedente que viera a se tornar capital.

O descobrimento das minas na América e a baixa no preço da produção do ouro e da prata, fecharam as minas europeias, subindo o preço das mercadorias nesses países (idem, p.207) isso devido à diminuição da circulação de ouro e prata no mercado, que apesar de ter em excesso, por ora, fora retirado de circulação para evitar a desvalorização como moeda. A saída de uma depreciação seria um investimento em notas de banco e dinheiro de crédito (idem. p. 215) para suprir esta alta de preços nas mercadorias, que tornava inviável grandes trocas através do ouro e da prata. Essa revolução monetária não foi o suficiente para evitar uma desvalorização da moeda e aumentar novamente o preço geral das mercadorias no século XVIII.

O ouro e a prata como moeda são substituídos na Inglaterra –Epicentro do capitalismo na época – por papel-moeda o “dinheiro da sociedade”, e passam a ser “o

⁵ **M-D-M**: Mercadoria-Dinheiro-Mercadoria.

dinheiro do mundo” STEUART *apud* (MARX,2008, p.212), mas nenhuma das medidas freia a mudança na balança comercial abrupta, oriunda da oscilação do preço geral das mercadorias. Pois, ora havia a desvalorização das mercadorias pelo aumento de trabalho empregado na produção, ora a sua valorização se dava a partir de sua baixa produção, o que tornava o controle cambial impossível, gerando a impressão de mais papel-moeda e uma desvalorização do valor de uso do ouro produzido nas minas.

1.2 Da crise à necessidade do ajuste espacial: a escala expansível do capital

É em 1810, quando o dinheiro é adotado na Inglaterra como simplesmente sinal de valor (MARX, 2008 P.215), esquecendo do seu valor de uso e de troca que temos o início de uma perda de credibilidade no Estado como regulador da oferta de papel-moeda – política esta que foi inspirada no partidários de David Ricardo – que acabou desencadeando nas crises econômicas de 1825, 1836, 1847 e em especial a crise que gerou revolução de 1848 em vários países da Europa, a chamada revolução burguesa. A necessidade de uma regulação regida pelo próprio mercado de maneira liberal, a “mão invisível” prenunciada por Adam Smith agora encontrava solo fértil para “concretizar” tal abstração ideológica.

Com a sedimentação da industrialização por toda Europa as trocas se tornam cada vez mais regulares e as possibilidades de se fazerem trocas cada vez maiores impõem cada vez mais uma troca de montantes cada vez maiores, visto que o capital começa a tomar forma por completo.

O sistema mercantilista já havia realizado seu papel na acumulação primitiva dessa forma o novo imperativo da sociedade burguesa ao adentrar a modernidade era o de acumulação de capital. Graças ao mercantilismo ,o capitalismo herda, como uma condição para seu bem-sucedido desenvolvimento, um mercado para seus produtos, que é organizado na escala mundial. “*um modo de circulação*”, mas nesse período ainda precisa “tornar igualmente universal o modo de produção” (SMITH,1988, p.131). Só dessa maneira a acumulação pela acumulação seria possível realizar-se de maneira expansível espacialmente e socialmente, utilizando-se do domínio do trabalho assalariado em outras partes do globo.

As colônias, mesmo permanecendo com modos de produção que se utilizavam de mão-de-obra escrava, se unificavam ao mercado global, pois, introduziam em determinados setores produtivos o modo de produção capitalista, determinados por necessidades externas de transformar o capital monetário em capital produtivo.

Para se instituir a necessidade de importação de impõe-se nas ex-colônias mecanismos de criação de dívidas através de empréstimos públicos para a construção de estradas de ferro, venda de armamentos militares e a introdução da economia de mercado, industrialização dos países e a revolução capitalista da agricultura. (LUXEMBURG,1970,p.366).

É no começo do século XIX que as colônias passam a ter papéis delimitados de maneira clara com o pacto colonial, fornecendo às metrópoles matéria-prima e produtos agrícolas de toda ordem em função da demanda das indústrias durante a revolução (SANTOS, 1979a. p.72).

Evidentemente a imposição dos exploradores aos explorados a partir da exportação do valor-de-uso na colônia visa a transformação da metrópole em valor de troca e subsequentemente em um receptáculo de ativos. O fluxo geral de capital era, portanto, limitado à Europa, onde podia-se haver um investimento em capital variável⁶, algo que não acontecera nas colônias, pois esta era dependente do sistema escravista e apenas dispunha de capital constante.

O capital ainda poderia ser absorvido pelos países industrializados através da venda de bens manufaturados e compra de matéria-prima que poderia ser comercializada e através da venda e obtenção do lucro ainda espoliar mais-valia no país onde se comercializava.

Todo esse quadro de exploração explícita é revirado por uma exploração mais “discreta” no momento em que a escravidão é abolida na Inglaterra em 1833, agora em as colônias deveriam servir-se de homens livres para trabalhar, permitindo às metrópoles exportarem o desemprego e a desvalorização de capital, mobilizando capital nas colônias pré-capitalistas.

Impõe-se uma nova ordem das regiões globais, novos Estados-nações nascem com uma burocracia, arranjos espaciais, políticas, importadas. No seio desse processo torna-se possível a transformação das oligarquias locais em burguesias nacionais, servidas de uma mão-de-obra farta e uma reserva latente. Esse ajuste espacial em função de novos centros de acumulação não será no desenrolar da geografia histórica do capital o último, as crises de acumulação nos grandes centros repercutirão concomitantemente na periferia da economia global durante todo o desenvolvimento do capitalismo até os

⁶ Ou seja, investimento em mão-de-obra, que ao contrário do capital constante, produz mais-valia

dias atuais, sempre mediante de novos mecanismos e consequências peculiares na produção dos diferentes espaços.

A unificação do mercado global só é possível através da diversificação do mercado de trabalho e de uma divisão internacional do trabalho, daí a importância do Estado-nação para “institucionalizar e facilitar” (SANTOS, 1982, p.17) a penetração de capitais contribuindo para a expansão do imperialismo, esse foi o germe da revolução do consumo, do serviço, da tecnologia e da inovação, ou seja, um futuro meio técnico-científico-informacional, transformações estas, que permitiram a progressiva acumulação de capital através da espoliação dos países subdesenvolvidos no decorrer da história.

Em meados século XIX temos um modelo econômico global, o Europeu e Norte americano. Os Estados-Unidos passa através de seu Estado a controlar a emissão de moedas, regularizando de vez o dólar, o que ajudou a nação a diminuir a dívida que tinham para com a Inglaterra e melhorar sua credibilidade internacional. A ética protestante nesses países era pautada no “educar-se para o ganho, com vistas a comandar os outros homens pela onipotência do dinheiro” (RECLUS,2010b,p.43) o dólar no final desse século já é o “senhor dos senhores” e passa a cada vez mais dividir socialmente o trabalho em todas as escalas do globo e a levar todos as outras nações à um novo ideal econômico.

As terras cultiváveis deveriam ter sido compreendidas entre as riquezas naturais, visto que não são criação humana e que a natureza as legou ao homem II gratuitamente; mas Como esta riqueza não é fugitiva como o ar e a água, como um campo é um espaço fixo e circunscrito de que certos homens se puderam apropriar com exclusão de todos os outros (PROUDHON, 1975, p.77)

1.3 Acumulação flexível: O desmantelamento da coesão territorial e regional nos países subdesenvolvidos.

Agora, no século XX ao se instalar nas, agora, ex-colônias a acumulação primitiva com vistas à espoliar o capital oriundo de trabalho vivo e produtor de valor real, encadeasse um surto populacional, que permite a inserção tecnológica drástica utilizando-se da mão de obra existente, modificando a estrutura espacial da ex-colônias e destruindo os modos de produção tradicionais, para serem substituídos pelos meios de produção capitalista.

O objetivo dos países capitalistas nesse período se torna, expandir a circulação de capital, exportando a luta de classes para os países pré-capitalistas determinada pela nova mercadoria capitalizável – a força de trabalho – mesma relação outrora determinada nos países capitalistas, de modo a criarem novos mercados consumidores e forçarem a exportação do trabalho morto dos países pré-capitalista para os capitalistas, além de mitigarem o problema do excedente de mão-de-obra, visto que os países europeus não detinham um território extenso para constituir novas fronteiras de acumulação primitiva e expandir a economia ao absorver capital e trabalho.

O bem-estar social floresce na Europa e nos Estados Unidos, com a flexibilização do trabalho, e a exportação das contradições externas são enviadas para os países subdesenvolvidos, através de um ajuste espacial. Por esse motivo nos países capitalistas, os sindicatos operários se enrijecem, organizam-se e conseguem defender os interesses das classes dominadas, mas também a custas, de conciliações com a classe.

No início do século XX, o problema da crise de acumulação de capital nos países capitalistas obriga os mesmos a mitigarem-no através da guerra comercial entre os Estados-nações (HARVEY, 2005, p.125) “através da exportação de desemprego, da inflação e capacidade produtiva ociosa”, além “de restrições ao fluxo do capital e ao câmbio exterior” e por fim, a “desvalorização forçada do capital de um país rival por meio da guerra” fatores esses determinantes para o início da guerra mundial. Demonstrando como a política econômica liberal encontra no Estado amparo em seus momentos de crise.

Destarte a desvalorização do capital e sua resultante destruição leva a uma “nova acumulação primitiva” de capital destruindo-se espaços com vista a construir novos espaços de acumulação, foi dessa maneira que os EUA conseguiram reestabelecer sua economia, reconstruindo os países devastados pela guerra.

Por esses motivos o fluxo do grande capital é levado no século XX a sair do eixo espacial de sua gênese. Cada vez mais buscando novos lugares de acumulação, desenvolvendo as economias centrais à custa da criação do subdesenvolvimento, criando centros de comando econômicos e uma periferia de subordinação global. Esse ajuste espacial engendrado pela produção capitalista do espaço resultou em um aparente “êxito” na resolução de suas contradições externas, mas não sem crises com consequências drasticamente severas às economias da parte sul do globo (HARVEY,2005).

Com a acumulação flexível e a política keynesiana adotada por vários países da periferia econômica, observamos uma mudança paradigmática com relação ao papel do Estado, antes, apenas assegurador da propriedade privada e investidor em segmentos necessários a produção nacional, como prospecção, extração, transformação. Agora o Estado passa a ter o papel de não interventor do mercado, mas assegurador de condições de investimentos estrangeiros.

A dialética inerente a esse jogo de forças no espaço, engendra uma desconcentração e expansão geográfica do capital, com vistas à criação de um novo nicho de acumulação – como é o caso do Brasil – trazendo infraestrutura física e social, através da mobilização do capital estrangeiro com objetivo de imobilizá-lo nas economias pré-capitalistas. Em função de suprir o mercado interno dos países desenvolvidos. Quando não, a burocracia do Estado estrangeiro comanda o repatriamento das divisas sobreacumuladas nos países dependentes.

Disso, podemos deduzir um impulso dentro do capitalismo para criar o mercado mundial, para intensificar o volume de troca para produzir novas necessidades e novos tipos de produtos, para implantar novos recursos produtivos em novas regiões, e para colocar toda a mão-de-obra, em todos os lugares, sob a dominação do capital. (HARVEY, 2005, p.117).

Por outro lado, a governança do Estado capitalista nas economias subdesenvolvidas assume um caráter de “refém”, pois, na ânsia de alcançar o “desenvolvimento”, é obrigado pelos países capitalistas a implantar um modelo de crescimento que desigual e que permearia substancialmente as desigualdades espaciais e sociais.

Em primeiro lugar, porque na primeira fase desse processo, a internalização da **DIT**(Divisão Internacional do Trabalho) , há um transplante do aparelho produtivo industrial dos países desenvolvidos para os subdesenvolvidos, mas sem a criação de um terciário para absorver a produção,(SANTOS,1979a.p.74-5) e em um segundo período,” impõe uma deterioração dos termos” de troca e “agrava-se as contradições entre necessidade simultânea de importar e exportar” e “enfraquecem o valor internacional das moedas dos países subdesenvolvidos (ibid,p.75).

O capitalismo periférico se diferencia em sua estrutura do capitalismo central, enquanto o primeiro baseia-se em um sistema por essência desequilibrado pelo consumo de bens de luxo e sistema produtivo direcionado para exportação , o segundo se formula em bases de uma acumulação auto centralizada pautada na produção de bens de capital

e um consumo de massa (SMITH,1988,p.167) e nesses termos, é portanto, independente.

Essa nova ordem global do século XX a qual os países subdesenvolvidos foram e estão sendo adequados, ainda acabou por transformá-los em grandes consumidores de bens e serviços importados. Entretanto a difusão de inovação segue a lógica do capital, ou seja, a inovação, os produtos modernos, o Know how, o capital cultural entre outros itens ou costumes de alto valor, serão desenvolvidos de maneira desigual nos espaços de subdesenvolvimento.

Em instância estrutural evidencia-se as contradições interiores do sistema capitalista através do desenvolvimento da divisão internacional do trabalho. Esta que divide o mundo em países desenvolvidos interdependentes e subdesenvolvidos dependentes (condição do Brasil), dessa maneira concentrando capital, tecnologia e informação nos grandes centros financeiros do globo, restando ao Brasil e outros países periféricos desenvolver-se através de comandos heterônomos.

Dessa forma, o novo paradigma competitivo baseado em capacidade tecnológica, embora promova a interdependência na nova economia global, também reforça a dependência em uma relação assimétrica que, no geral, fortaleceu os padrões de dominação criados por formas anteriores de dependência ao longo da história. (CASTELLS, 1999, p.126)

Essa dependência de outros bens cria uma territorialização de interesses estrangeiros, diminuindo a integração industrial nacional, afetando diretamente a balança cambial do país tornando-o cada vez mais dependente dos países que comandam a técnica, a informação e a produção científica global, importando bens obsoletos e exportando capital em forma de commodity. Agora nem capitais estrangeiros mais precisam ser transferidos (SANTOS,1982 p.13).

Ao contrário do que se poderia imaginar, a substituições das importações, não ajudou diminuir os padrões de dependência, pelo contrário, foi no período de 1960 em que houve um aumento galopante da dívida, pois os Estados-nações dos países do Sul começaram a importar materiais e equipamentos modernos para desenvolverem suas indústria. (LACOSTE,1981, p.76)

As desigualdades são tão eminentes, que se manifestam à nível inter e intra-regional nas nações pobres. A coesão regional em um Estado capitalista subordinado é quase inviável no plano material da planificação econômica e na organização espacial das metrópoles que servem de gargalo para escoamento e repatriamento de mais valia para os centros estrangeiros, através de “estruturas monopolísticas” (SANTOS,1979b p.92) quando não para fortalecer a burguesia nacional.

O resultado que temos pela falta de contiguidade é um descolamento da relação entre a cidade e sua região de influência, afetando a mobilidade da população dessa região e comprometendo o desenvolvimento paralelo do meio rural e da cidade, ao contrário do que acontece nos países industrializados. (SANTOS,1980. p.100). Nesse contexto, o dinamismo da urbanização nos países subdesenvolvidos se torna tão caótico que as “redes tradicionais se desmantelam e novas regiões se elaboram”. (idem,101). Enquanto nos países desenvolvidos observa-se uma certa estabilidade na conformação regional.

No começo do século XXI (na era Lula) o Brasil se beneficiou do boom, pós boom de commodities minerais como prata, manganês e alumínio, que permitiu o aumento de investimentos sociais e em setores da economia , entrando em decadência nos últimos anos, culminou na criação de mais papel moeda (questão discutida no 1.Capítulo,2.subcapítulo), ou seja no aumento da inflação e da taxa de juros, dessa forma, impedindo o desenvolvimento de novos investimentos, visto que o Brasil diferente de outros países é obrigado a pagar os juros da dívida em detrimento de investimentos internos.

Nesse contexto a nova crise estrutural que o capitalismo vive, impõe uma flexibilização do trabalho por todo o globo(SOUZA,2017). Enquanto que, nos países desenvolvidos vemos a erosão do Estado de bem-estar social e uma precarização do trabalho, que tem desencadeado as mais diversas mazelas como :xenofobia, racismo, guerras comerciais, ultraconservadorismo e revanchismos protofacistas, nas semiperiferia do globo como o Brasil vemos a miséria:

(...)do desprovimento do campo pelo agronegócio(...) a uma metropolização pautada pelo acúmulo de pessoas que não têm outra opção a não ser recorrer a modos informais e (hiper)precários de trabalho e moradia, sofrendo todo tipo de abusos e opressões materiais e simbólicos. (SOUZA,2017, p.460).

O desencadear da crise política e econômica que vivemos nesses últimos anos levou-nos à diminuição nos anos de 2013 de 20.942.051⁷ postos formais de empregos criados para 14.084.869 em 2017, entre os anos de 2011 à 2014 a taxa de desemprego era em média de 6,9 % (IPEA, 2016) ,no ano de 2017 aumentando do desemprego para 13,7% (IBGE, 2017).

Campina Grande demonstrou um aumento do número de empregados nesse período, devido ao aumento do número de trabalhadores na construção civil, aquecida pela construção de habitações populares, mas que em 2017 perdeu 543 vagas de emprego (CAGED) .

Variação do número de empregos absoluta em Campina Grande								
Ano	2010	2011	2012	2013 ⁸	2014 ⁹	2015 ¹⁰	2016	2017
Variação	4.622	2.640	5.825	- 743	2.455	- 3.731	- 1.981	- 1.181

Org: PEREIRA 2018 Fonte: CAGED- Demonstrativo por período¹¹

Os efeitos do desemprego tem sido um aumento da informalidade na cidade, visível dos últimos 3 anos, em que se vê crescer o número de “*barber shops*” comércios de pizzas às margens das grandes vias de acesso da cidade, vendedores de água, artistas de rua em semáforo, a adaptação de casas para o comércio de água tendo em vista a crise hídrica que a cidade vem passando nos últimos anos. Além desses casos, temos também o aumento de trabalhadores informais no terminal de integração da cidade, chegando à mais de 60 trabalhadores dentro e fora do terminal.

Portanto, percebe-se que o setor de comércio e serviços do circuito inferior da economia urbana campinense tem servido de amparo para os desempregados, que encontram em atividades criativas, desreguladas pelo Estado, com pouco capital investido, possibilidades para sobreviver, visto que como consta no Art. Nº 6 da constituição brasileira é de competência e dever do Estado assegurar o direito ao trabalho aos cidadãos brasileiros ,mas que na realidade tem se eximido cada vez mais dessa responsabilidade.

⁷ Fonte: TEM,CAGED,2018, acesso em 12/07/2018

⁸ Em 2013 o setor de construção civil teve um decréscimo de 1.472 empregados.

⁹ Em 2014 a construção civil tem decréscimo de 611 empegados ,mas o setor de serviços ,seguido pelo de comércio com 376 .

¹⁰ Em 2015 o desemprego aumenta drasticamente o setor da construção civil demite -1.609 empregados e o de serviços 1.263 seguido pelo da indústria de transformação com 862 empregados demitidos.

¹¹ Disponível em <<http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml#>>

CAPITULO 2: A PRODUÇÃO DOS DOIS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA EM CAMPINA GRANDE: ALGUNS APONTAMENTOS PARA UMA ANÁLISE DIALÉTICA E CRÍTICA DA POBREZA URBANA.

A teoria dos circuitos econômicos ,nas últimas décadas tem sido largamente rebuscada, aplicada e reaplicada; por vezes criticada no concernente a sua base teórica fundamentada em um cronologia e espacialidade diferentes das condições atuais, concordamos que a teoria pode ter vindo a se cristalizar na produção acadêmica, mas vários foram os autores que se empenharam em apreender a realidade da economia urbana dos países subdesenvolvidos através desta.

Vários foram os eventos que desde a década de 1970 – época em que essa teoria foi formulada – vem desencadeando em uma nova ordem global com uma nova organização do modo de produção hegemônico, de lá para cá temos presenciado cada vez mais uma flexibilização do capital e da mão-de-obra nos países subdesenvolvidos.

A inserção dos lugares em uma rede global em função da redefinição do papel da ciência, informação, técnica e comunicação tem impelido novas dinâmicas aos países no mundo que quer ser globalizado, o novo sistema de ações globais, a difusão de ordens distantes através da ordem próxima impera de maneira seletivas nos diferentes lugares.

Os países subdesenvolvidos têm cada vez mais se remodelado nessa lógica global e desempenhado papéis diferentes dos exercidos em épocas passadas, mas não há de se negar que nunca houve, como agora tamanha necessidade de modernização e difusão de inovação no globo, principalmente depois do fim da bipolarização global e o que alguns prenunciaram como o fim da história.

Com a difusão da internet, a conexão dos espaços em redes internacionais e nacionais cada vez mais ligados em função do fluxo de capital condicionados pela ação dos: Oligopólios, monopólios, da grande propaganda; que penetram todos os territórios e desarmam parcialmente os mesmos para o avanço, dado como inevitável, do consumismo e da financeirização.

Os lobistas, investidores das bolsas de valores, tem em suas mãos o mundo planejado economicamente, uma verdadeira regionalização global em que os investimentos de capitais facilmente são remanejados através da ação das multinacionais, transnacionais que fomentam uma rede de cooperação solidária, em

função de criar conglomerados que penetram de maneira concatenada, o território de países subdesenvolvidos alterando substancialmente toda a sua estrutura econômica, política, social e cultural.

Concomitantemente os lugares são produzidos na lógica dos circuitos espaciais, através da mobilidade espacial que é dada ao capital nos tempos atuais, essa mobilidade só pode ser obtida através de uma organização – de uma estrutura físico-social – que possibilitará a circulação –deslocamento de bens materiais e de pessoas– e a comunicação – fluxos de informações – ¹² os lugares passam a produzir e serem produtos de capitais e seu substrato material na lógica do capital passa a ser essa sobreposição de arranjos modernos; não modernos, materiais e imateriais, produtores e consumidores.

Isso se dá, em função do fato de diferentes processos de modernização, produzirem espaço de forma desigual nos países subdesenvolvidos, pois a existência de estruturas produtivas modernas paralelas estruturas não modernas tende a: Ou formar novos sistemas produtivos, ou segregá-los. Portanto, o impacto da inserção do meio técnico-científico-informacional tende a ser muito mais abrupto nos espaços das economias periféricas levando-os a serem dialeticamente divididos pela força da seletividade do capital. Abrupto porque são absorvidas pelo tecido sócio territorial necessidades criadas por atores externos, e apenas uma parcela desse tecido¹³ e da sociedade sana essas necessidades agora existentes.

2.1- Especificidades dos circuitos da economia urbana: uma divisão urbana do trabalho?

A modernização induzida tende a impactar os sistemas urbanos desses países de maneira muito mais seletiva e excludente que nos países desenvolvidos, devido ao seu lugar de dependência na economia global. O resultado da seletividade que os investimentos e da produção dos espaços acaba por gerar um fenômeno único nas cidades desses países. A divisão da economia urbana em dois circuitos relacionados e interdependentes: Um superior e o outro inferior. A Divisão Internacional do Trabalho, como já falamos anteriormente delimita determinados papéis aos países de economia periférica. A divisão territorial do trabalho organiza diferentes regiões e redes

¹² Fonte: (DANTAS, 2016)

¹³ Nesse sentido falamos de tecido como conjunto de objetos, funções e ações criadas em espaços selecionados em detrimento da fetichização dos espaços. No caso os espaços na condição de valor de troca (LEFEBVRE,1991).

específicas de uma economia periférica através de funções produtivas quali-quantitativamente diferentes e hierarquizadas verticalmente. Ao ponto de chegarmos no que intitulamos chamar de **Divisão Urbana do Trabalho**.

O circuito superior ao mesmo tempo que se caracteriza pelo emprego de capital intensivo e pouca mão-de-obra, funciona como expoente da exportação de capital dos países subdesenvolvidos para os desenvolvidos, pois este é pautado em uma produção industrial moderna, em geral, para exportação.

Serviços modernos, com alta importação de *overhead* e *Know how*, “importação de novos trabalhos e patentes” (SILVEIRA,2014, p.173) e um comércio moderno que tende a vender artigos de luxo, ou de “consumo de massa” para uma “massa seleta”, a classe média e alta, enquanto os pobres continuam a consumir em grande parte produtos do circuito inferior.

Em síntese o circuito superior “é o resultado direto da modernização tecnológica e consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos” o inferior “é igualmente um resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto, que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente o não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades ligadas a ele (SANTOS, 1979a, p.29)

Esse circuito inferior, não é moderno, entretanto, também não é tradicional, pois se encontra subordinado à lógica da modernização, em que nesta se adapta e transforma, (SANTOS,1978,P.50), mas a sua origem dessa transformação sempre é atrasada com relação a difusão de inovação na economia urbana no geral.

Seus setores se classificam nessa disposição. Caracteriza-se por seus três setores produtivos não modernos. **Industrial:** De base manufatureira, por vezes artesanal, de trabalho intensivo, baixa capitalização da produção, uso de técnicas e organizações não capitalistas e produção em baixa escala. **Serviços:** É essencialmente fornecido “a varejo” é também o principal meio de participação das classes baixas na acumulação (SANTOS, 1979a, p.162), normalmente não se emprega capital, apenas mão-de-obra, especialmente o trabalho doméstico. **Comércio:** Identifica-se por haver baixo investimento de capital, fornecimento de crédito pessoal e uma alta empregabilidade de mulheres (Idem, p.165).

A constituição do circuito superior se dá pelos “bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores. (SANTOS, 1979a.p31). Enquanto os produtos do circuito inferior são de fabricação sem uso de capital intensivo, serviços não modernos fornecidos “a varejo” e “pelo comércio

não moderno e de pequena dimensão” (SANTOS, 1979a.p31). Todo esse subsistema inferior da economia urbana está atrelado a uma grande dependência de abastecimento suprida pelos intermediários, essa dependência aumenta em função do nível de pobreza do indivíduo atrelado ao circuito inferior (idem, p.177).

Os empregos criados pela modernização em função do setor industrial não absorvem totalmente a massa de trabalhadores devido ao alto coeficiente de capital tecnológico empregado que necessita de mão-de-obra qualificada, a qual os países subdesenvolvidos não dispõem de tantas, a tendência portanto é a uma industrialização de exportação que emprega apenas parte da mão de obra não qualificada, visto que o nível de interesse de investimentos não objetiva absorver toda a mão-de-obra qualificada ao preço de encarece-la.

Dessa forma, asseverasse essa disparidade de consumo, e de trabalho assalariado, por isso é criado indiretamente postos de trabalhos de baixa remuneração (SANTOS, 1979a, p.29), e atividades econômicas que supram as necessidades dos assalariados com baixo poder de compra e demais trabalhadores.

O circuito superior para Milton Santos possuiria uma distinção enquanto subsistema da economia se comparado ao inferior, pois este primeiro poderia ter atividades que estavam no limiar dos dois circuitos, nesse caso designaríamos de circuito superior marginal, de caráter ao mesmo tempo, residual e emergente, de pequenas e médias firmas que coexistem com o circuito superior, aproveitando-se da publicidade feita na venda de produtos modernos e mais caros, para venderem com um preço menor seus produtos de menor qualidade. (Idem, 80-1).

2.1.1 A influência da localização do comércio no circuito inferior

A disposição das diferentes atividades em um sistema urbano é geograficamente localizada em função da função que a cidade desempenha na hierarquia de uma rede urbana. Sabemos que a relação entre as cidades não é mais amarrada à um tributarismo verticalizado (SANTOS,1997. P. 55), as cidades são ligadas por fluxos horizontais e verticais e relacionam-se com as cidades próximas, mesmo que não estejam diretamente interligadas na classificação hierárquica.

No entanto, a funcionalidade das cidades e seu nível de industrialização desempenham um papel fundamental nas possibilidades de comércio do circuito inferior. Pois a impossibilidade dos níveis inferiores da rede produzirem ou comercializarem produtos modernos, obriga a parcela mais abastada a se deslocar da

cidade para um outro centro onde se venda tais produtos. Enquanto a população pobre continua apenas podendo consumir no circuito inferior da cidade (SANTOS,1979a, P.273), ou quando possível, consumindo alguns poucos artigos do circuito superior que lhes são acessíveis.

Mesmo em cidades com indústria moderna destinada à exportação há uma propensão a os setores do comércio e serviço também direcionarem-se apenas a clientela dos empregados dessa empresa (idem, p.274). O circuito inferior nesse quadro, cria atividades de serviços para suprir a carência da população devido à ausência de serviços do circuito superior. Ao mesmo tempo a criação desses serviços subsidia a permanência e criação de outros setores da economia, funcionando como uma “economia externa para atividades do circuito inferior” (idem).

A importância e complexidade do circuito econômico aumenta paralelamente a depender do tamanho da cidade, visto que a pobreza nas cidades de grande porte se exacerba e da mesma forma a especialização das atividades do circuito inferior, por causa do aumento da demanda e de novas necessidades. Chegando ao ponto do circuito inferior se distinguir de acordo com sua localização na cidade em dois: O **circuito inferior central** e o **circuito inferior residencial** (idem).

Milton enfatiza que a diferença entre esses dois circuitos inferiores não está apenas na localização, mas também em sua diferença de funcionamento. O circuito central está ligado a população central e participa de um maior elo com as atividades dos setores modernos, dividindo, inclusive parte da mesma clientela do superior, além disso a disposição de um fluxo maior de cargas, capitais, e diferentes substratos sociais permite um novo nível de complexidade as atividades desempenhadas pelo circuito inferior nessa localização. Já o circuito inferior residencial, localiza-se “Nos bairros, [onde]¹⁴ é a necessidade de uma resposta imediata às necessidades de uma população sem dinheiro que explica a presença do circuito inferior(...)”¹⁵(idem).

2.2 Da feira à indústria ao serviço: a gestação dos circuitos econômicos em Campina Grande.

A cidade de Campina Grande se constituiu historicamente como um grande centro comercial regional, tal aspecto Geográfico lhe implicou em determinados ajustes

¹⁴ Nossas palavras.

¹⁵ Grifo nosso.

espaciais como a criação de ferrovias, abertura de vias, implantação de uma variedade de infraestrutura, ou seja, imobilização de capital fixo, inicialmente com o comércio algodoeiro do século XIX à meados do século XX DINIZ (2015, p.91-30) “ Essa posição de centro redistribuidor era contrastada com a quase-inexistência de infraestrutura de abastecimento d’água e de fornecimento de energia elétrica (CARDOSO, 2002, p.44). Mudando o quadro posteriormente com a industrialização nos anos 70, estagnando seu crescimento populacional abrupto a partir dos 90, com uma nova plataforma de prestação de serviços e a penetração de uma nova ideia de mercado consumidor.

A cidade, portanto, nasce nessa íntima relação comercial inter-regional e intra-urbana, o que nos leva a considerar os motivos para o **setor terciário ser tão fundamental** na estrutura econômica da cidade e o que é ainda mais impressionante, **em moldes ainda bastante tradicionais**, quando tratamos de estrutura e produtos oferecidos (apesar de algumas feiras terem sido transformadas em mercados públicos).¹⁶

A origem da cidade está intimamente imbricada com o desenvolvimento da feira. O surgimento desse comércio explica-se também pela presença das casas de farinha de mandioca no povoado e na suas cercanias. (DINIZ, 2015, p. 90)

Deve-se ressaltar que para além de uma questão simplesmente relacionada ao trabalho, **a feira acaba por imprimir sua marca no espaço urbano campinense de tal maneira a construir laços históricos com a cultura da cidade**, através de uma tradição, de costumes preservados, principalmente pela feira central, não à toa, institucionalizada no ano de 2017 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico Nacional) como patrimônio histórico cultural e imaterial brasileiro.

Não seria incorreto associar essa cultura da feira livre com a iniciativa local de criação da feira livre das Malvinas, e mais recentemente da feira Sudoeste no bairro Três irmãs e os “pequenos comércios do Major”, evidentemente atrelado ao desemprego na cidade de campina grande e à uma herança cultural da cidade. Pois outras formas de adquirir uma renda mínima, aplicando trabalho intensivo e pouco capital, poderiam ter sido aplicadas, no entanto, é provável que além da necessidade haja um traço cultural na construção dessas atividades comerciais nas Três Irmãs.

¹⁶ Como foi o caso da Feira da Liberdade, a Feira da Prata, parte da Feira Central e a Feira das Malvinas

As feiras continuaram a ter preponderante papel na dinâmica econômica de Campina Grande mesmo com o avanço do meio técnico-científico-informacional na cidade, evidenciado com a fundação da UFCG em 1952 e posteriormente da UEPB em 1966, essa nova funcionalidade atribuída a cidade de Campina Grande, é dada à um aproveitamento de toda uma infraestrutura preexistente na cidade, combinado ao decréscimo do preço do algodão e a implementação da indústria Têxtil e calçadista na cidade nos anos 1960-70 (CARDOSO, 2002, p.45] .

Essa nova fase desenvolvimentista em que Campina Grande é inserida, é resultante de uma esquivia a um ponto fora da curva do planejamento federal que priorizava as capitais, deixando de lado as cidades interioranas. Essa reviravolta da estagnação de 1950 da economia urbana campinense à um boom nos anos 1960-70 se dá devido à criação dos Distritos Industriais Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) e o Programa de Cidades de Porte Médio (Idem, p.45) , desenvolvendo rapidamente a malha urbana através da construção civil e aquecendo o setor terciário, algo parecido com o que vem acontecendo na cidade desde 2006 ,até os dias atuais com o Programa MCMV, que vem empregando uma grande parte da mão de obra pouco qualificada.

Em Campina Grande, este crescimento será observado nos conjuntos habitacionais que estão localizados nas margens dos anéis rodoviários que circundam a cidade, criando verdadeiras cidades em torno de uma outra existente (Maia, 1994 e 2000, *apud* CARDOSO,2002, p 45)

2.3 A relação campo-cidade: O campo e sua relação com os Circuitos.

Esse fenômeno geográfico culminou em um aumento significativo na população de Campina Grande, que em 1970 possuía 195.303 habitantes, aumentando progressivamente para 247.827 no ano de 1980, em 1990 para 326. 307 e nos anos 2000¹⁷ há um desaceleramento no ritmo de crescimento da população que se atenua com 355.331 habitantes, trabalhamos com a hipótese de que o crescimento do setor terciário na região metropolitana da cidade e a maior assistência social prestada a população das cidades circunvizinhas, diminuíram, o êxodo rural e dessa maneira o crescimento populacional acentuado.

¹⁷ Fonte: IPEA(2017) Censo Demográfico :População Residente total.

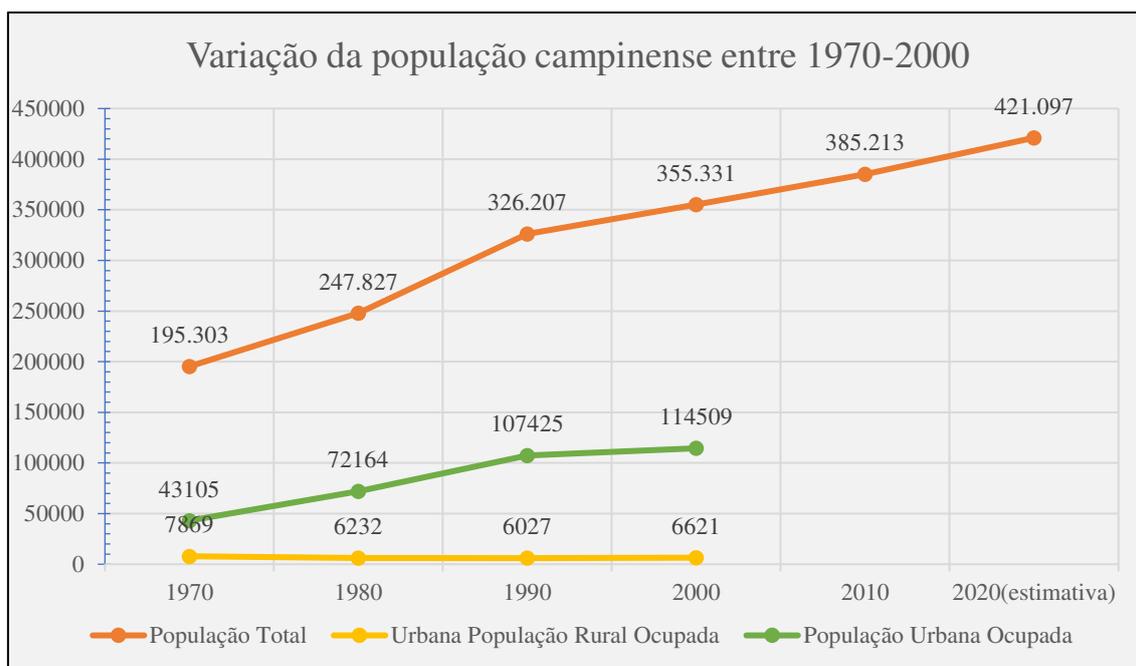


Figura 1: População urbana e rural de Campina Grande entre 1970-2000 Elaborado por PEREIRA,2018 .Fonte: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2011)

Que só pôde ser possível através da implementação de um ajuste técnico e científico nas áreas rurais no entorno do município, modificando o modo de produção agrícola e as relações sociais nos outros municípios, além de fomentar o próprio crescimento de um setor específico do circuito superior na cidade de Campina Grande, o de venda de insumos e maquinário modernos e de investimento de capital intensivo. Dessa maneira essa reorganização do espaço agrário regional beneficiou as oligarquias agrárias, e a burguesia urbana de Campina Grande, mas não a população periférica urbana e nem os desassentados.

Ao introduzir um novo padrão técnico fundado na crescente artificialização da agricultura por meio do emprego intensivo de insumos industriais, muitas famílias agricultoras foram induzidas a ingressarem em trajetórias de especialização produtiva, passando a depender crescentemente dos mercados para se reproduzirem econômica e socialmente. São exemplos desse processo os produtores de batata inglesa e os fumicultores; e nas regiões mais úmidas, muitas famílias fazem a opção pela olericultura e a fruticultura intensiva, viabilizadas a partir do estímulo dado por políticas oficiais de crédito e de assistência técnica.(SILVEIRA; FREIRE; DINIZ, 2010, p. 15)

Boa parte da produção agrícola da região é escoada para EMPASA (Empresa Paraibana de Abastecimento e Serviços Agrícolas), que é a grande abastecedora de produtos alimentícios da Feira Central e demais feiras da cidade. Que por não possuir

atravessadores acaba por baratear os custos dos produtos, porém, a medida que a cidade passa a captar e fazer circular capital, a estrutura econômica se transforma. Dessa maneira o processo de produção se realiza em sua última etapa, chegar ao mercado.¹⁸ Pode parecer óbvio, mas é importante ressaltar a questão de interdependência entre a cidade e o campo através da feira, sem a esta boa parte da produção rural não se realizaria, nem a própria feira.

A divisão territorial do trabalho na região de abrangência de Campina Grande no século XIX implica na separação *campo e cidade incitada pela instituição da troca de bens*¹⁹, temos nesse ponto os preâmbulos da inserção de uma lógica de desenvolvimento desigual do espaço, regida pelo capital e uma hierarquização regional tendo Campina Grande como polo de concentração de fluxos e fixos, que só pôde acontecer através de condições de extração de mais-valia no final do processo produtivo que se dava na cidade.

2.4 Justaposição do Circuito Superior Marginal na Feira Central e a dispersão forçada do circuito inferior para a periferia

As implicações dessa transformação se manifesta negativamente nas últimas décadas com a dinâmica da feira sendo cooptada e reformulada pelos agentes hegemônicos da cidade, (PEREGRINO; BATISTA, 2017) “onde o feirante que possui apenas uma banca há décadas divide o espaço com um comerciante/empresário que é dono de um “conglomerado” de dezenas de bancas; onde a cidade nasceu e onde a cidade se reproduz”.

Percebemos alguns indícios dessa justaposição do circuito econômico superior marginal sobre o inferior no que diz respeito a áreas centrais da cidade, apesar de não podermos afirmar que a feira em si é uma representação desse primeiro. Há de fato uma tendência, várias investidas já foram feitas pelo poder público para reestruturar a feira em moldes higienistas²⁰, principalmente após a construção do mercado central em 1941.²¹

¹⁸ Para Marx, apud (HARVEY 2005, p.50) “O produto está realmente acabado apenas quando está no mercado”.

¹⁹ SMITH, 1988, p. 76.

²⁰ Entendemos por higienismo, práticas de planejamento urbano que pretendem tornar seletivas as práticas em determinados espaços, tendendo a excluir as pessoas que não se enquadram no contexto de status social, ou seja, de classes menos favorecidas, em detrimento da criação de um novo espaço para as classes dominantes consumirem.

²¹ Fonte: PEREGRINO; BATISTA, (2017).

Esse processo de sobreposição poderia nos ajudar a entender a difusão das feiras nos bairros periféricos. É evidente que essa nova formação espacial está permeada por novas e velhas práticas, nota-se uma hibridização de diferentes épocas, com implicações que trazem novas funções em uma mesma forma (o caso da Feira Central) e desenvolve novos espaços com funções antigas (as novas feiras periféricas) na cidade de Campina Grande.

A cidade, e por extensão a rede urbana, por menor que seja, apresenta formas dotadas de grande fixidez e, por isso mesmo, apresentando uma relativamente grande capacidade de refuncionalização. Por meio desta e da continuidade do processo de criação de novas funções e suas correspondentes formas - próprio das formações espaciais capitalistas - a cidade e a rede urbana reatualizam-se, possibilitando a coexistência de formas e funções novas e velhas (CORRÊA, 2000, p.125)

Em outro estudo²² feito na parte norte do bairro Tambor (relativamente próximo a feira central), uma moradora que seria relocada para o Major Veneziano, ou para um outro terreno cedido pela prefeitura, disse que não teria mais como trabalhar na Feira Central, pois a mesma se deslocava a pé até a feira. Outra comerciante, sendo que esta moradora do próprio Major Veneziano afirmou que morava próximo a Feira Central pagando aluguel, onde trabalhava como feirante e recebia bem mais do que recebe atualmente trabalhando no comércio do Major, mas devido à pretensão de ter uma casa própria acabou deixando seu local de trabalho e moradia no centro²³.

Podemos inferir que a relação segregação-difusão é algo plurilateral e multifacetado. Multifacetado, pois: A Feira Central comporta a absorção de diferentes capitais, devido a sua diversidade comercial e os diferentes níveis de investimentos, em maior escala temos o emprego de pouco capital imobilizado e quase nenhum de capital mobilizado, em menor escala encontra-se capital fixo e imobilizado como o investimento na infraestrutura de alguns comércios de uso mais intensivo de capital, e considerável capital mobilizado em forma de empregados, dinheiro, estoque, transporte e outros.

Portanto, permitindo que o capital nesse espaço seja acumulado, inclusive com comércios se adequando a lógica financeira do circuito moderno (vide a placa do

²² O Estudo foi realizado no dia 09/01/2018, após a determinação do ministério público de retirar os moradores da área próxima à linha do trem, justificando ser uma área federal, mas houve um impasse, pois alguns moradores ocupavam há mais de 50 anos o local, alguns possuíam 15 metros edificadas em área federal e mais de 15 em um terreno que seria da prefeitura, mas por estar ocupado, o usucapião dos 15 metros fora do limite federal poderiam continuar sendo dos moradores.

²³ Estudo de Campo realizado no dia 20/03/2018.

comércio na figura abaixo). Enquanto as feiras periféricas são em geral de emprego de pouquíssimo capital imobilizado e mobilizado, no caso específico da Feira Sudoeste e dos comércios informais do Major Veneziano podemos dizer que é pouco expressivo.



Foto 1:Comércio de atacarejo na Feira Central, em: 16/05/2018

Apesar de não termos feito um estudo mais preciso sobre os arranjos espaciais da feira, os fatos empíricos nos levam a colocar duas hipóteses no que diz respeito a nova dinâmica da Feira Central: 1º) A existência de um processo de monopolização por novos empreendedores capitalistas ao “adotarem também práticas próprias ao circuito inferior”(SANTOS,1979,283) no caso os privilégios localizacionais da feira. 2º) uma mobilidade social mais profunda dos feirantes do circuito inferior, chegando a uma classe capitalista de fato por meio do consumo das classes pobres.

Seguindo esses princípios podemos concordar com (HARVEY ,2005, p53) que a expansão e concentração são frutos da necessidade que o capitalismo compele em acumular capital, tendo como consequência o crescimento dos fluxos de mercadorias, a expansão espacial dos mercados e da periferia em relação ao centro de maneira incessante.

Acreditamos que nos dias atuais a penetração do capital em cidades médias de maior porte como é o caso de Campina Grande, há uma tendência de absorção de investimentos no centro da cidade primeiramente devido a diminuição da importância da indústria em segundo plano ,devido a política de crédito brasileira que abre portas para o mercado financeiro de base comercial, em terceiro lugar, a segregação urbana por

produzir desigualmente espaços e alocar desigualmente, tende a fazer com que o grande capital maximize o proveito dos espaços de fluxos da cidade e ou aproveitar a localização do mercado consumidor com acesso a crédito em demasia.

Esse ajuste espacial ,acreditamos, não destruirá o circuito inferior (pois o problema é a desigualdade de rendimentos e portanto estrutural) , mas sim segregar cada vez mais o circuito inferior e inflar o superior através da tendência a concentração de renda das metrópoles brasileiras e principalmente no presente da realidade político-econômica brasileira, com altas taxas de desemprego que contrastam com o aumento do lucro das redes bancárias. Os circuitos econômico nos países semiperiféricos estão intimamente ligados à política de crédito imposta ao Brasil.

2.5 Um novo nexu do circuito superior na cidade: O bairro Cruzeiro

A flexibilização capital e uma financeirização do espaço campinense já tem em prática sua efetivação e o prelúdio do rentismo financista. A rede de supermercados Bompreço antes do grupo empresarial com sede em Recife JCPM foi vendida em 1998 ao grupo Holândes Ahold, que em 2004 repassou por 300 milhões de dólares ao WalMart que atualmente é a maior empresa do mundo segundo a revista Fortune e agora detentora da terceira maior rede varejista do Brasil a Walmart Brasil.

Em 2017 na cidade de Campina Grande a empresa abriu uma nova loja no formato Hiper Todo Dia no bairro do Cruzeiro, próximo a uma área valorizada em 2012 após a instalação de um Call Center a nova loja concorre exatamente com uma loja varejista do circuito superior marginal, a loja menor preço.

Meses depois à abertura da loja no cruzeiro, o Walmart fecha a loja Bompreço, uma das primeiras abertas na cidade, localizada no centro, o terreno ocioso ficará livre para render como aluguel para outras empresas que necessitem da localização estratégica no centro da cidade. Portanto, a flexibilização do capital no espaço se torna uma ferramenta de expansão das condições de acumulação capitalista.

Essa conformação do sistema produtivo comercial contemporâneo torna a região do Nordeste muito mas susceptível a rupturas no tecido social de maneira abrupta, em 2013 a empresa Walmart fechou 25 lojas e abriu 22 novas, a substituição da ordem próxima pela ordem distante acaba por desestabilizar ainda mais a organização do espaço regional, onde não há concorrência intra regional, condição que tornou atrativa a compra da rede Bompreço que antes monopolizava a região.

O grande forte da rede de supermercados, se encontra nas vendas através do cartão de crédito a uma parcela pobre da população que consome nesses supermercados.

As grandes lojas e os supermercados representam um fenômeno em expansão nos países subdesenvolvidos. Sua existência está ligada à possibilidade de uma demanda mais numerosa e mais diversificada, assim como às possibilidades de pagamento em dinheiro líquido ou segundo as formas burocráticas de crédito, tais como cartões de crédito instituídos pelos bancos ou sistemas de crédito particulares a certas firmas comerciais. É por isso que o número de supermercados varia principalmente em função da importância das classes médias e do número de assalariados, enquanto que sua dimensão é função da densidade dos bairros ricos.” (SANTOS, 1979, p.68).

O supermercado em questão não se instala por acaso na localidade, os bairros Cruzeiro e Presidente Médici, ambos na zona sul da cidade apresentam uma redefinição no padrões gerais de renda, uma verdadeira “mobilidade social sem mobilidade espacial” nesses bairros (ALMEIDA, 2015) essa mudança nos padrões de renda representaram mudanças nos padrões de consumo, os bairros cortados pela avenida Juscelino Kubitschek, passam a partir disso a produzirem um capital cultural e social estratificado de maneira ascendente, modificando a forma e o conteúdo socioespacial desses bairros.

Esse desenvolvimento socioespacial se dá a partir de reivindicação dos cidadãos ao poder público municipal por lazer, pavimentação e de iniciativas próprias com a mudança nas fachadas das casas (ALMEIDA, 2015, 89) o que veio a valorizar o preço dos imóveis e veio a concretizar a ascensão da “nova classe média”²⁴ nesses bairros, através de novos padrões de consumo, planejamento econômico, possibilidade de reter capital e acesso ao microcrédito em uma rede solidárias de microempreendedores.

Essa redefinição nos padrões gerais de consumo desses dois bairros nos ajuda a entender o porquê lojas e setores de serviço do circuito superior tenderam a se aglutinarem em lugares próximos a esses centros consumidores, em contrapartida, não se poderia pensar no mesmo processo de instalação desse circuito inferior em bairros da alça sudoeste, onde a parcela da população passa por uma mobilidade espacial (forçada) sem mobilidade social.

²⁴ ALMEIDA, 2015 traz um fértil debate sobre essa chamada “nova classe média”, que para Jessé de Souza (2010) seria uma nova classe trabalhadora, advinda de novos padrões de consumo, resultantes uma mudança na estratificação social da classe econômica C.

CAPÍTULO 3: O NASCIMENTO DA FEIRA SUDOESTE: O PROCESSO DE SEGREGAÇÃO E A FORMAÇÃO DO CIRCUITO INFERIOR RESIDENCIAL NO BAIRRO TRÊS IRMÃS

A segregação urbana é constatável na maioria das metrópoles brasileiras, atrelada diretamente à concentração de parcelas de classes sociais diametralmente opostas no espaço urbano, o que acaba por “dividir a cidade em duas”. Apesar de ser relativamente clara essa realidade nos grandes centros urbanos devido à grande concentração geográfica seguida de um espraiamento da cidade, em outras cidades em processo de urbanização esse fenômeno é menos evidente, devido à fatores como menos perímetro urbano, baixa densidade populacional, zoneamento misto, entre outros.

Entretanto não poderia se pensar em uma tipologia para o fenômeno, para Lojkin (apud, Villaça, 2017, p.147). Podemos distinguir três principais tipos de segregação: 1) Por oposição centro-periferia em função do preço do solo, 2) em função do diferencial espacial de renda, 3) por segmentação funcional da especialização zonal. Menos ainda poderia se pensar que esses fatores diferentes se excluem, nas verdade muitas vezes são complementares, ou até subsequentes.

Apesar disso Villaça (idem,143) com razão afirma que o padrão de segregação centro x periferia é o mais recorrente na produção das metrópoles brasileiras, resultante da diferenciação social das classes que lutam por determinados espaços na cidade mais “privilegiados” essa luta por espaços na cidade tem um papel preponderante na conformação urbana da zona industrial, que irradia concentricamente a desvalorização do solo urbano em seu entorno, ao passo que dialeticamente produz uma força de atração de camadas pobres da população, não necessariamente proletária, mas sim inclusive de reservas de mão-de-obra, sub-proletária.

No outro polo da força impele-se o irradiação do poder das classes sociais altas nas zonas centrais e valorizadas da cidade, que tendem a se alocarem no centro expulsando as classes pobres por meio de diversas estratégias (aumento do preço do aluguel por meio dos corretores de imóveis, construção de determinados aparelhos públicos que levam os pobres a venderem sua moradia valorizada, construção de casas na periferia da cidade, ação do Estado na retirada da população em “ocupações irregulares”) ou as próprias classes mais abastadas se segregarem em condomínios fechados a fim de remanejarem seu status quo e facilitar a proteção da propriedade privada ameaçada pelos sintomas da própria luta de classes.

Se para Gottdiener (1997, p242) nos anos 30 nos Estados Unidos“(...)a construção de casas foi considerada ao mesmo tempo um modo importante(...) de reequilibrar a demanda efetiva e um meio de resgatar o setor bancário do colapso total (...) dando ao trabalhadores a possibilidade de adquirir uma propriedade particular e de contrair uma dívida longo prazo.

No Brasil a política da casa própria não se enseja em uma crise bancária, mas sim, como uma forma de rentismo, realização de mais-valia pelos bancos, imobiliárias e incorporadoras ao absorverem mão-de-obra excedente, que necessita de emprego, mas que gera um problema que logo bate à porta, o término das construções e a retomada do trabalhador à condição de mão-de-obra flutuante.

A segregação, portanto, é a manifestação espacial do desenvolvimento desigual, é a própria representação da divisão espacial em função das relações de produção, ou seja, a contradição entre capital e trabalho. Esse desenvolvimento é necessariamente um consumidor seletivo de espaços, pois o fato do capitalismo apenas ser capaz de se desenvolver a partir da desigualdade, produz no solo urbano um aumento de renda diferencial.

Nesse contexto, a mão-de-obra é um importante elemento da produção e imprescindível na decisão de investimento do setor industrial de comércio e serviços que buscam uma maximização dos lucros ao se instalarem na cidade.

Portanto, a questão do fator fixo da localização toma um papel preponderante em um contexto atual de flexibilização do capital , é também é acompanhado de um fator fluxional ,no caso ,a relativa atual maior mobilidade geográfica do trabalho (GOTTDIENER, 1997p.90). Processos estes que desenvolvem em condições de desconcentração e descentralização industrial. Mas que, quando em situação de concentração ou reconcentração industrial, tendem a mobilizar a mão de obra²⁵ principalmente com a construção da casa própria nas imediações dos complexos industriais e a produção de condomínios fechados para classes de alta renda.

²⁵ Consideramos que Campina Grande tem se reestruturado espacialmente e quanto a sua estrutura industrial em função de uma nova concentração industrial e uma descentralização demográfica. A construção do complexo habitacional Aluizio Campos no bairro do Velame com 4.100 residências à serem entregues em Julho do ano corrente, nos evidencia um política de planificação urbana, que acarretará na construção do 3º Distrito industrial na cidade de Campina Grande com a liberação de terrenos para dez grandes empresas e com previsão de liberação para cerca de cem microempresas no setor de panificação.

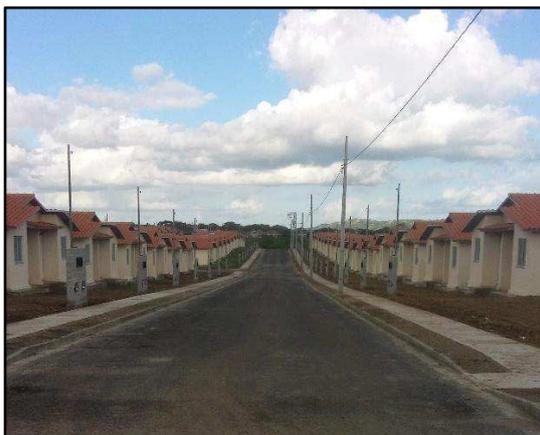


Foto 2: Complexo Habitacional Aluízio Campos em 16/05/18



Foto 3: Condomínio fechado na Alça leste de Campina Grande, em: 16/05/2018 .

3.1. A busca da renda; deformação da cidade e miséria

No entanto, há uma questão que entendemos ser necessária evidenciar. A segregação, é necessariamente nas cidades dos países subdesenvolvidos resultante da modernização e difusão de inovação que criam rapidamente através de uma explosão migratória (êxodo rural, fluxos interurbanos, inter-regionais) um maior contingente de cidadãos sem moradia.

As vantagens oferecidas pelo excesso de lucro dos proprietários cria possibilidades de investimento diferencial de capital e trabalho (HARVEY,1980,p.154) reinvestindo de maneira sequencial em novas aquisições de terrenos, ou imobiliário, criam um *diferencial de renda* do solo urbano maior e uma maior extração de mais-valia, esses proprietários pela capacidade de aplicar de maneira diferencial capital e trabalho tendem a estarem atrelado ao circuito superior

Atrelado ao diferencial de renda, temos ainda a *renda de monopólio* que para Marx (Apud,HARVEY,1980.p.153) é “determinado pela avidez do comprador em comprar e capacidade de pagar, independentemente do preço determinado(..)” que leva a um proprietário individual²⁶ de solo urbano, não vender, ou não arrendar seus terrenos em função de sua localização relativa oferecer um valor de uso único na cidade. Nesses termos os terrenos ociosos da cidade aumentam o valor da renda absoluta (idem,p.158) “através da manipulação artificial da escassez” do solo urbano.

²⁶ Para David Harvey: “A distinção entre monopólio e renda absoluta pode, talvez, ser conseguida tomando-se a primeira como operando ao nível individual(...) e a última (...) como um fenômeno de monopólio de classe(...)”(idem,156).

Por sua vez a *renda de monopólio* leva as incorporadoras em Campina Grande a buscarem a criação de novos investimentos, em novos espaços e dessa forma dando origem a um novo preço de monopólio, ou diríamos um “monopólio induzido” dialeticamente aumentando o poder de monopólio dos proprietários que absorvem a *renda de monopólio* ao exporem-se aos custos de transportes mais altos(*idem*,157.) criando dessa forma uma *renda absoluta* originária da renda criada pelo setor de investimento tomado como um todo.

Os privilégios de monopólio da propriedade privada surgem das qualidades absolutas do espaço que são institucionalizadas de certo modo. Na esfera da atividade social o espaço absoluto emerge como a base da renda de monopólio. Mas, o espaço absoluto em geral superado pela interação entre diferentes esferas de atividade em diferentes localizações e os atributos relativos do espaço emergem como princípio condutor para o estabelecimento tanto da renda diferencial como absoluta, embora o espaço absoluto extraia sua taxa em todos os casos através do privilégio de monopólio da propriedade privada. (*idem, ibidem*).

O município ao não taxar o IPTU progressivo sobre o solo urbano, abre porta para a manutenção e ampliação dessa escassez de solo que gera o espraiamento. Como colocado anteriormente (**Capítulo 1**), emprestando-se das palavras de Proudhon, a propriedade privada é nesse sentido um roubo, tanto lesa à produção coletiva (serviços públicos, comércio, fabricação) pelas restrições de uso, quanto tanto na maneira em que a renda sobre o solo urbano extrai daqueles que obtêm a concessão de seu uso.

Analisando esse facto através de um entendimento do *espaço absoluto* da cidade de Campina Grande, a renda obtida a partir dos imóveis alugados, ou no preço embutido nos produtos comprados em terrenos arrendados, “contém”, atualmente, os valores de todas as outras parcelas, assim como as expectativas supostas de valores futuros”(*Idem*,158).A valorização progressiva de bairros como Liberdade, Alto Branco, São José, Prata, Catolé dependem necessariamente da desvalorização fruto de investimentos privados das incorporadoras e construtoras nos outros anéis urbanos menos atrativos, além de investimentos públicos em habitação em novas zonas de transição da cidade, como na Zona Oeste e Zona Sul.

O problema nesse jogo de “escassez de solo urbano” nos anéis secundários da cidade e conseqüente espraiamento, podem exacerbar-se ao ponto de tornarmos o centro da cidade inviável devido ao engarrafamento²⁷ gerado pela periferização, atribuindo a uma cidade média problemas de uma grande metrópole de maneira

²⁷ Sobre a relação entre a escassez de solo urbano e a geração de custos viários (HARVEY,2018, p.160)

totalmente desnecessária e atribuindo os custos de reestruturação da malha viária novamente a população pobre da cidade.

A Feira Sudoeste, se fosse possível considera-la comparativamente em quanto seu valor de troca, não faria pálio a loja da Walmart na Prata por exemplo, ou a do Cruzeiro. Pois, necessariamente a sua disposição condicionada ao último anel da cidade, desempenha um fator valorativo na renda a que o comércio moderno localizado em solo urbano de renda monopolística se aloca. Ou seja, a criação dessas lojas, implica necessariamente em uma alocação em um bairro de renda diferencial alta, em que na conformação desses bairros gera-se a necessidade de expandir a cidade para valorá-los.

A inserção de determinados objetos ,ações, técnicas modernas nos diferentes recortes do espaço urbano tendem a concentrar renda e reservas de solo urbano ,assim como ,de condições de realização de mais-valia .Na medida em que é investido capital em solo urbano depreciado ,como nos espaços urbanos da periferia criasse contraditoriamente um aumento no valor da renda nas áreas valorizadas no centro.

Na alça sudoeste esse processo tem se evidenciado a partir da reestruturação viária da BR-230, facilitando o escoamento da produção e a construção de casas através do programa habitacional minha casa minha vida. Em especial os empreendimentos residenciais de baixa renda Major Veneziano, construído em 2013, com 1.488 unidades, atendendo à cerca de 5,9 mil pessoas e o Acácio Figueiredo e Raimundo Suassuna construído em 2015, com 1.948 unidades, atendendo à cerca de 7.792 pessoas, ambos localizados no bairro Três Irmãs.



Foto 4: Conj. Major Veneziano ,em: 20/03/18



Foto 5: Conjunto Acácio Figueiredo/Raimundo Suassuna, em 07/04/18

O bairro Três Irmãs é o sétimo bairro mais populoso de Campina Grande IBGE (2010), totalizando cerca de 12.209 habitantes, localizado na zona sul da cidade, como já foi mencionado, tem passado por mudanças na sua estrutura urbana tanto em relação a mobilidade espacial quanto a social. Nesse contexto um fenômeno que chama atenção é a produção do comércio no conjunto Major Veneziano, caracterizando-se por possuir forma e estrutura que subvertem a regra do poder público, da mesma forma é a feira sudoeste, localizada no conjunto Acácio Figueiredo nosso principal objeto de estudo, este não foge à regra supracitada, mas em termos de condições sócio estruturais, se assemelha ao comércio do Major.

O bairro Três irmãs na alça sudoeste, tem sido reformulado por completo ,abrigo uma parcela considerável da população e enxugando parcialmente o déficit habitacional da cidade, ao mesmo tempo que abre portas para o espraiamento e deixa em aberto ainda questões problemáticas como o desemprego ,a segregação ,as desigualdades e insalubridades nesse espaço periférico.

A expansão da malha urbana nesse setor urbano tem sido ordenada por uma lógica relacional, o processo social de produção urbana na cidade podem parecer duais, mas na verdade se mostram dialéticos e historicamente concretas, em primeiro lugar o espaço absoluto da cidade foi repartidos ao longo de sua formação urbana, desempenhando um papel de monopólio do valor de uso e de troca dos espaços mais valorizados da cidades, que demonstram como o valor de troca de grandes partes de solo urbano na cidade se valorizam progressivamente sem nenhum encargo para os proprietários monopolistas²⁸.

A valorização se torna abrupta na medida em que o terreno se aproxima do centro e das grandes vias de acesso da cidade, além de sua proximidade com outros objetos com capitais imobilizados que extraem mais-valia, como supermercados, shopping centers e etc. A “sobra” é repartida socialmente através da ação dos grupos sociais, que a partir do poder público, produzem a cidade corporativa , em função de eliminar as deseconomias urbanas (SANTOS,2013).

²⁸ Podemos citar o Exemplo de um grande terreno localizado no cruzamento da Rua Pedro Leal com a Assis Chateaubriand no bairro da liberdade, assim como no cruzamento entre a av. Almirante Barroso e a Av Odom bezerra que foram vendidos para a construção de um supermercado ,como ocorreu com uma grande extensão de terreno no bairro Jardim Paulistano que após valorização foi vendido a rede de atacado Assaí, vários outros exemplos poderiam ser citados, mas que não são o objetivo.

Essa repartição da “sobra” do solo urbano para as classes pobres da cidade é permitida por haver a possibilidade de financiamentos governamentais que aumentam o espaço absoluto da cidade para absorver o excedente de consumidor. A criação do valor de uso na periferia tende a valorizar as áreas mais centrais da cidade e dessa forma a longo prazo produzir uma maior obtenção de mais-valia na venda.

Há uma tensão criada pela busca de moradia pelos pobres em localizações melhores ocupadas pelas classes mais ricas, essa tensão é resolvida pelo aumento no preço dos alugueis e da moradia, processo esse que levou uma parcela pobre da cidade à buscar moradias no sul da cidade, como bairros como P. Médici e Cruzeiro, (ALMEIDA,2015), onde antes havia solo urbano ocioso e à baixo custo, evidencia-se na década atual uma valorização do solo urbano nesses bairros, seguido pelo espraiamento no sentido extremo sul da cidade. além da saída de parcelas mais abastadas da sociedade para a zona norte e a zona leste da cidade, com a construção de condomínios fechado.

3.2. Características e Disposições Infraestruturais da Feira Sudoeste

A paisagem monocromática e cartesiana das casas do conjunto habitacional Acácio Figueiredo é cortada pelo colorido das bancas (Veja no anexo II o mapa da feira em uma visão vertical), das frutas, verduras, roupas; pelo vívido fluxo de diferentes pessoas do Bairro Três Irmãs e de outros conjuntos e outros tantos bairros próximos, as conversas entre os comerciantes, a correria das crianças, o bingo, os palhaços que animam as crianças, a passagem dos cães e gatos dão uma vida diferente ao local, que em um raio de alguns quilômetros não se encontra em mesma medida. Em dias de sol, pelo começo das manhãs dos finais de semana, rapidamente consegue-se perceber a transição de uma paisagem estática, para uma paisagem de fluxos, de vida e de vivências, o espaço nesse momento se torna um lugar de trocas com um valor de uso para as pessoas que precisam de sobreviver, mas também precisam viver.

A Feira Sudoeste é resultante da ação e do Projeto Recomeçar da ONG MAM (Movimento Ajuda Mútua), nos primeiros meses a feira desfrutou de seu auge tanto para os comerciantes quanto para os consumidores, momento em que o MAM através de sua representação organizava de maneira adequada a feira, esse momento foi interrompido por questões de saúde do líder da ONG, dessa forma a coordenação

acabou sendo repassada para outra liderança, que não conseguiu desempenhar com efetividade o papel de liderança e de organização antes realizado.

A feira, no entanto, se mostra como única possibilidade para 50% dos comerciantes que ali trabalham obterem renda, destes mais de 70% são moradores do próprio local, os quais, segregados, não encontram outras possibilidades de complementarem sua renda, ou mesmo não conseguem de forma alguma um emprego. Trabalham em uma feira que, por mais que tenha uma organização interna, ainda carece de condições infraestruturais que deveriam ser concebidas através de uma Intervenção do poder público.

A Feira Sudoeste está localizada no bairro Três Irmãs na zona sul de Campina Grande, é traçada pela Rua Maria de Penha de Castro Silva e mais duas travessas sem nome dando-lhe uma forma triangular. As ruas são relativamente largas, permitem a passagem de carros, ônibus e pedestres facilmente. Uma linha de ônibus passava exatamente em uma das ruas da feira, mas foi retirada ,devido as más condições do calçamento.

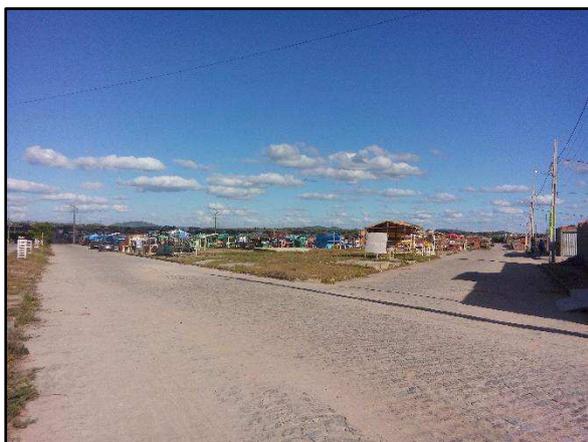


Foto 6 :Feira Sudoeste. Em: 01/07/18



Foto 7: Calçamento de rua de acesso à feira sudoeste danificado, em 01/07/2018



Foto 8: Os Fluxos na Feira Sudoeste Em 07/04/18

O acesso à feira é possível através dos ônibus da linha azul 922 e 092 que passam pela Av. três irmãs, permitindo um acesso rápido a feira por meio da linha de ônibus que se encontra bem próxima. Além do acesso por meio de veículos automotivos individuais e a pé. Ou seja, no aspecto do acesso rápido a feira se encontra relativamente bem postada, lhe faltando apenas a reconstrução do calçamento das vias de acesso.

A feira dispunha de banheiros químicos cedidos, por meio de um requerimento ao poder público municipal, que foi concedido nos primeiros meses por meio de uma concessão com uma empresa privada, mas que por não ter sido renovada foram retirados da feira. As condições precárias a que a feira foi submetida, na medida em que a os comerciantes não haviam mais como permanecer sem o acesso aos banheiros, levou parte desses a deixaram de abrir suas bancas e assim o número de feirantes frequentes diminuiu e em consequentemente o de consumidores também.

As bancas estão dispostas com relativa organização, grande parte graças ao planejamento feito pela antiga presidência, enfileiradas de acordo com os produtos vendidos por elas, divide-se em aspecto amplo, em bancas de um grupo de frios, carnes, laticínios, em bancas de hortifrúti e outros produtos relacionados, em outro grupo de bancas de variedades, como roupas, acessórios de celular, artesanatos, itens de 1,99, entre outros e outro grupo de bancas relacionadas a bares e lanchonetes ,cada grupo dispõe de uma cor diferente para facilitar ao consumidor identifica-los. No entanto, nos últimos meses já se percebe uma relativa desorganização do padrão, isso devido a ausência da ação da coordenação atual.

Em dias de chuva a feira é assolada pela umidade que deteriora e pela lama que torna o comércio muito mais difícil, dificultando o acesso, a circulação dentro da própria feira e a manutenção da higiene na feira. O calçamento da feira já foi solicitado pelos feirantes e se mostra imprescindível para a manutenção do trabalho na feira.

A situação nessas condições se torna ainda mais pungente para os moradores do Conj. Raimundo Suassuna, separados apenas por um canal – que carrega águas pluviais ,mas também esgoto – que em dias chuvosos, com o aumento o fluxo de carga hídrica, faz com que os moradores em contato direto com todo tipo de mazelas diluídas na água.

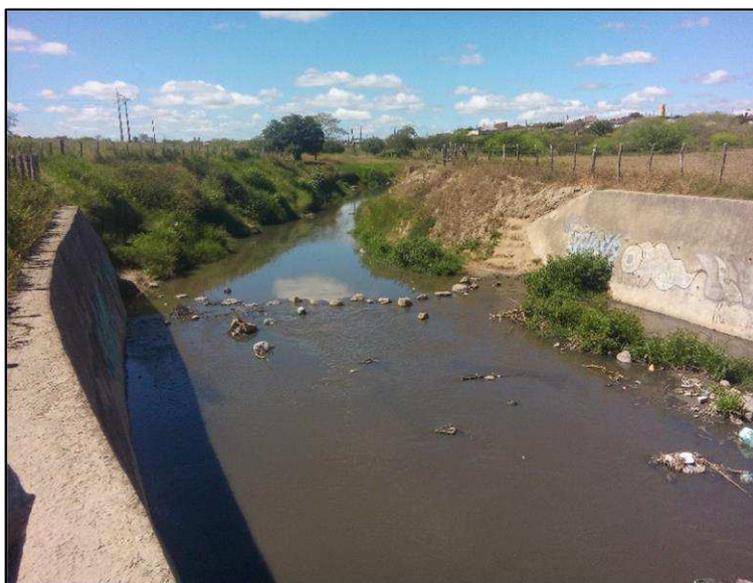


Foto 9: Canal entres Os conjuntos Acácio e Raimundo Suassuna, em: 01/07/2018

3.3 Origem dos Comerciantes, Condições de Trabalho e Características do Comércio

No *Capítulo 1* discutimos acerca da importância da circulação de mercadorias para o sistema capitalista, nesse contexto observamos que as feiras periféricas desempenham uma funcionalidade espacial de expansão indireta a acumulação de capital²⁹, aumentando o raio de alcance da circulação do dinheiro, o que permite uma distribuição em um raio espacial maior.

Na verdade diríamos que a feria demonstra como o circuito inferior residencial é um tripé da acumulação de capital no meio urbano, pois ,estes permitem a circulação de mercadorias alcançar a periferia a cidade, mas não permite por enquanto uma acumulação de capital nesse espaço, mas sim uma extração indireta da mais-valia absoluta, ao passo que a circulação de mercadorias em escala expansível é uma

²⁹ Não estamos atestando que os feirantes acumulam capital, nem que o seu intuito é tal, mas no processo geral de acumulação enquanto maior for a circulação de capital e em menor tempo maior é a obtenção de lucro e extração de mais-valia geral em um processo em cascata.

condição tanto para a criação de um novo nexos para a inserção de mercadorias modernas, quanto para o remanejamento da mão de obra sedimentando as pessoas na periferia.

O trabalho em um circuito inferior residencial, tende a empregar trabalhadores locais, devido a baixa rentabilidade e alto emprego de trabalho, que normalmente tende a ser exercido por uma parcela da população local que anseia complementar a renda, ou até conseguir a sua renda por meio do circuito econômico ao qual está inserido.

Nesse contexto os comerciantes que trabalham na feira em sua maior parte são residentes do bairro Três irmãos (Conj. Major, Conj. Acácio e Loteamento Portal Sudoeste) contabilizando cerca de 75% de toda a mão-de-obra. Vale-se destacar que maior parte desses trabalhadores residem no próprio Acácio Figueiredo e 25% destes residiam antes nas Malvinas e 25% em outras localidades do bairro Três irmãos. Além disso, nos chama atenção o fato de, apesar do Conj. Major Veneziano ser mais distante e possuir um acesso mais difícil à feira se comparado ao loteamento Portal Sudoeste, emprega o mesmo número de mão de obra em comparação a este último.

O que obviamente está atrelado ao maior nível de poder aquisitivo dos moradores do Portal Sudoeste que obtêm a moradia por meio de financiamentos via crédito bancário através das corretoras e imobiliárias. O tipo de segregação dessa parcela do bairro, portanto se difere qualitativamente em comparação aos moradores dos conjuntos habitacionais.

Os trabalhadores de outras cidades, se originam de cidades próximas como Queimadas e Lagoa Seca e contabilizam 8,3% dos trabalhadores da feira, são em suma agricultores que vendem os produtos produzidos pelos mesmos. Essa característica dessa parcela dos feirantes, demonstra a relação de interdependência entre o campo e a cidade em função da feira (que trouxemos no Capítulo 2, subcapítulo 3), mas também demonstra a potencialidade da feira ser um meio de eliminar os atravessadores e absorver parte da produção regional, dando empregabilidade para a parcela da população rural da região e uma maior variedade para os consumidores locais, assim como um barateamento, visto que a produção local requer menos custos para o transporte.

O comerciantes que se deslocam de bairros de outras zonas correspondem à 8,3% da parcela dos feirantes, vindos de bairros como Bodocongó na zona oeste e Conceição na zona norte da cidade, o que nos chama bastante atenção ao perceber que

moradores de outros bairros, vejam em um local distante de suas residências a possibilidade conseguir sua renda.



Figura 1: Localização dos comerciantes da Feira Sudoeste. **Fonte:** Estudo de Campo, jun,2018.

Na Feira Sudoeste a utilização do emprego familiar no trabalho informal da feira é uma forma solidária de os superar a ausência de baixo investimento de capital através do maior emprego de mão de obra, seja por auxílio no próprio comércio, no abastecimento, na manutenção das bancas e etc. A maior parte dos feirantes ,62,5% empregam familiares, os outros 37,5% não o fazem, essa organização do trabalho na feira resulta em 104,1% a mais ,ou seja o número de trabalhadores da feira mais que dobra. Não por acaso, pois Milton Santos afirma que:

O emprego familiar é frequente nas pequenas empresas do circuito inferior. Ele permite que aumente a produção sem que haja necessidade de mobilizar mais capital de giro. Apelar para assalariados tornaria a pequena empresa pouco competitiva e a obrigaria a pagar encargos sociais e impostos. (SANTOS,1979, P.172)

No que diz respeito à ocupação dos feirantes, percebemos que 92,7% dos feirante nunca haviam trabalhado em feiras, o que nos leva a entender que a feira não nasce exatamente de uma necessidade desses trabalhadores informais desempenharem seu ofício original, mas sim, de complementarem ou obterem a renda familiar. Esse fato

não poderia ser interpretado de maneira alguma como uma falta de capacidade desses trabalhadores se organizarem enquanto feirantes, pois mais de 54% destes tem origem do comércio, o que lhes conferem capacidades de dialogar com os clientes, terem certo controle sobre mercadorias e um senso de organização logística.

Desses ex-trabalhadores ou ainda trabalhadores do comércio 84,5% desses eram mulheres que possivelmente veem na feira uma possibilidade de conseguirem um trabalho remunerado em sua dupla jornada de dona de casa (em sua maioria não remunerada) e feirante, ou seja, a feira se apresenta para estas, uma maneira de alcançar uma certa independência financeira, ou simplesmente de possibilitar uma renda a mais para a casa.

Mas não podemos excluir o fato de que a experiência como feirantes que ainda lhe faltam seria um ponto positivo a mais para exercerem as atividades comerciais específicas que a feira compele, isso exigiria um senso de organização coletiva e um papel de liderança dos feirantes já experientes.

Apenas 8,3% dos trabalhadores da feira já foram trabalhadores da indústria, esse fato corrobora com a hipótese levantada de uma criação de uma reserva de mão-de-obra intermitente e flutuante a fim de uma absorção futura em um contexto geográfico favorável para as indústrias.

Por fim, a caracterização da origem ocupacional dos feirantes nos permitiu inferir que 41,6% desses trabalhadores estavam atrelados a setores do circuito superior, principalmente no setor de vendas, de vendas no comércio moderno, da indústria e construção civil; 37,5% do total de trabalhadores informais advinham de setores do circuito inferior, principalmente de comércios próprios de pequeno porte (bodegas, mini boxes, bancas em feiras) outra parte importante era a do setor de serviços (cabelereiras, serviços gerais, diaristas) e ambulantes. Por fim subtotalizaram 12,5% de pessoas que nunca haviam trabalhado em nenhum setor da economia urbana (principalmente donas de casa).

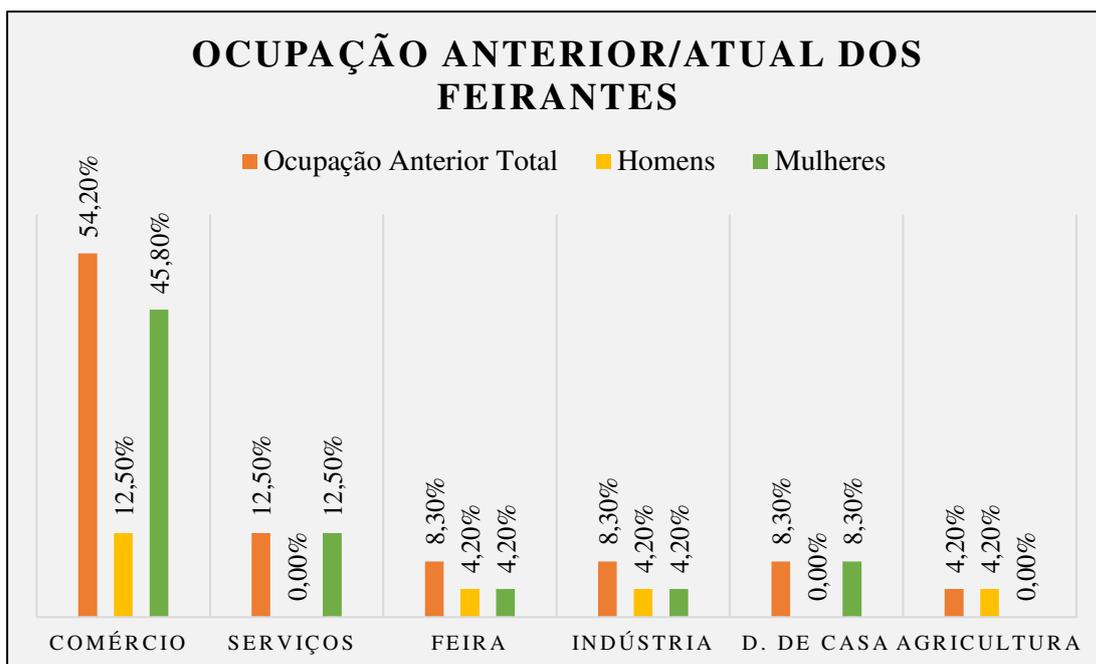


Figura 3: Ocupação anterior/Atual dos Feirantes *Fonte: Estudo de campo em Jun, 2018.*

O Circuito inferior é caracteristicamente dependente dos intermediários, visto a sua incapacidade de estocar mercadorias em demasia, a feira se torna ainda mais dependente nesse caso, visto a alta perecibilidade de boa parte de seus produtos. Os atacadistas aproveitam-se dessa alta capacidade de armazenar as mercadorias (SANTOS, 1978, p.178) fornecendo grande parte dos produtos que o circuito inferior absorve.

Na feira sudoeste percebemos uma heterogenia dos intermediários, pois a origem dos produtos é diversa, mesmo quando as bancas vendem os mesmos produtos. Observamos nesse contexto que a EMPASA, corresponde a 29,2% do abastecimento da feira, dessa forma sendo a principal intermediária, a sua demanda atualmente é quase que totalmente de feirantes que vendem hortifrúti, apenas 16% desses compram a atravessadores, no caso outros feirantes da feira central.

Os atacados que se localizam na feira central, correspondem à 21% do abastecimento da feira um número alto, metade deste número representa na verdade todo o abastecimento dos temperos da Feira Sudoeste, e o restante representa a compra de sacolas plásticas e descartáveis para o comércio da Feira Sudoeste. Através da análise desse dado é possível afirmar que há um nexo do circuito inferior residencial em relação ao circuito inferior central.

Os atravessadores são a demonstração de um certo problema para os feirantes e ao mesmo tempo uma solução, 33% do que é comprado aos atravessadores é de frios, que pela pouca demanda e poucos comerciantes se tornou a forma de 75% dos comerciantes de frios se abastecerem, o que acaba retirando parte de seus lucros, mas que caso contrário não compensaria o deslocamento para comprar diretamente do produtor ou de outros mercados. Os outros 33% são de roupas da cidade de Santa Cruz-PE, que acabam por ficar mais baratos do

FIGURA 3: Abastecedores da Feira Sudoeste

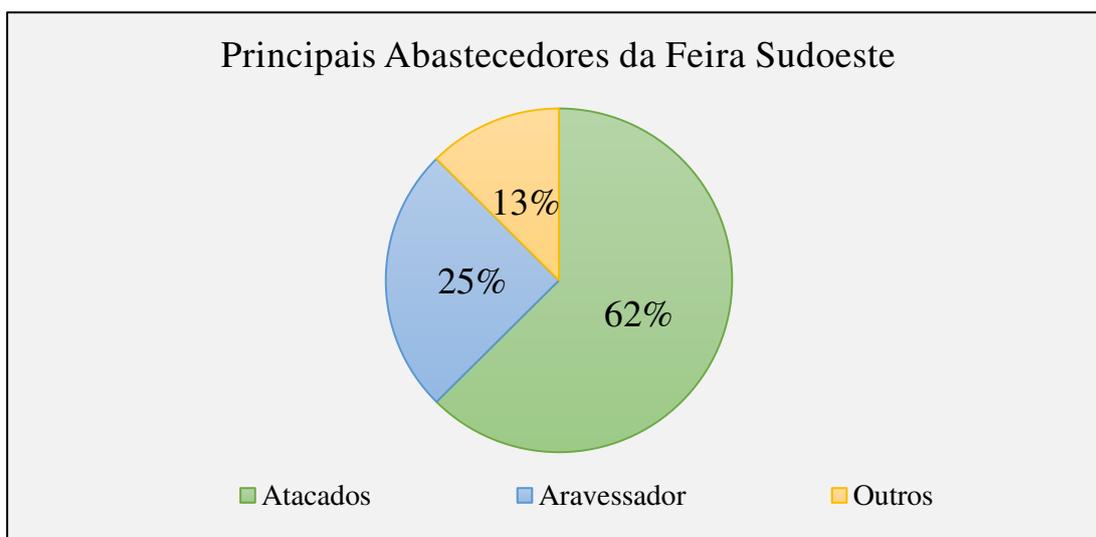


Figura 4: Principais abastecedores da Feira Sudoeste. **Fonte:** Estudo de campo em Jun, 2018.

3.4 Perfil socioeconômico dos consumidores

Como já defendemos no capítulo anterior o circuito econômico inferior no bairro Três Irmãs é de localização residencial, e portanto, atende a uma demanda do bairro ou de residências próximas, corroborando com essa hipótese, constatamos através da análise dos dados da pesquisa com consumidores na Feira Sudoeste, que cerca de 79% dos consumidores estão localizados no bairro Três irmãs, 13% em bairro próximos e apenas 8% se localizam em outras zonas da cidade.



Figura 5 : Localização dos Consumidores da Feira Sudoeste. **Fonte:** Estudo de campo em Jul, 2018.

O baixo nível de renda e a localização próxima são os principais fatores de consumo na feira .No entanto, 87,5% dos consumidores possuem renda familiar acima de um salário mínimo, e destes 8,3% possuem renda acima de 3 salários mínimos que poderíamos considerar uma camada da baixa classe média. Se considerarmos que cerca de 20% dos consumidores possuem renda familiar de mais de 2 salários mínimos entenderíamos como contraditório o fato de uma boa parte desta ter possivelmente condições de se deslocar para consumir no comércio moderno ,mas a classe média.

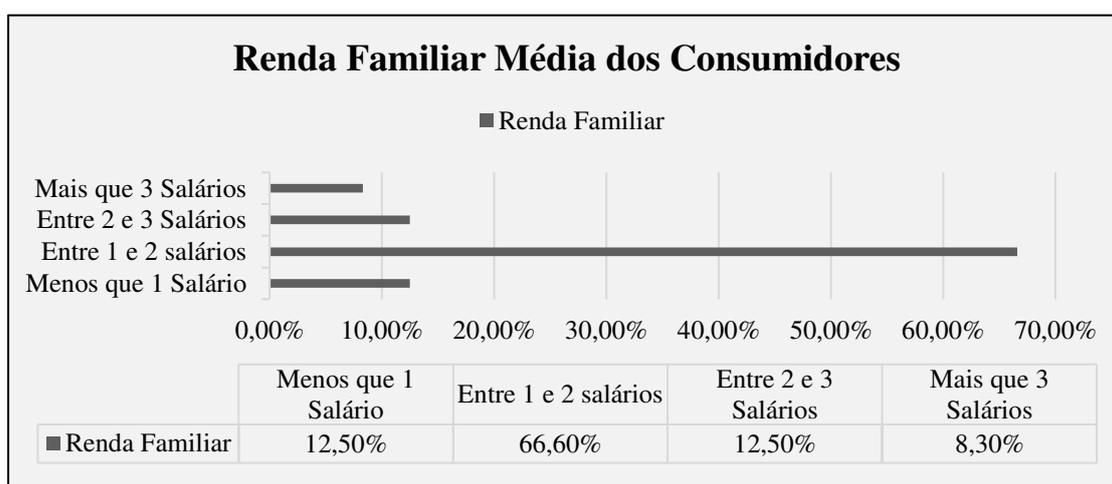


Figura 6: Renda familiar dos consumidores. **Fonte:** Estudo de campo em Jul, 2018.

Todavia, a classe média brasileira, assim como os demais estratos sociais busca “emular os padrões de consumo” Kerstenetzky, Uchôa e Silva apud (ALMEIDA,2013, p.11) das classes mais ricas do Brasil, estas que sim conseguem consumir de acordo

com o padrão dos países desenvolvidos. Colocadas essas restrições de prestígio e consumo, as classes médias “são frequentemente obrigadas a recorrer ao circuito inferior para outros consumos, geralmente os consumos correntes, como os de produtos alimentícios”(SANTOS,1979, p.39).

Além disso a distância dos supermercados – diferentes dos bairros pobres dos países ricos que possuem esse tipo de comércio moderno (SANTOS,1979, p.58) – também implica em uma necessidade das classes médias que moram na periferia consumirem no circuito inferior de localização residencial. Paralelo a esse fato, as prestações das parcelas do financiamento de suas casas, acaba enxugando os gastos das classes médias que moram nos residenciais do Portal Sudoeste, sendo preferível evitar o gasto com deslocamento para a compra de produtos de gênero alimentício perecível.

A escolha do tipo de habitação dessa parte da nova classe média em residências localizadas em um “bairros planejado” também pode se encontrar encrustada pela necessidade de imitar parcialmente o consumo de habitação das classes mais abastadas.

Apesar dessa questão, o nível de renda dos moradores dos loteamentos do Portal, permite 66,6% desses consumidores abastecerem-se em outros bairros principalmente na Feira Central / Feira da Prata(33%) no Assaí no bairro Jardim Paulistano, chegando até a redes atacadistas na zona norte como a rede atacadista Atacadão (16,% dos consumidores). Os 33% restantes consomem em mercados de porte médio das malvinhas e mini boxes do bairro.

Na contramão desse padrão de consumo, os moradores dos conjuntos Acácio Figueiredo e Major Veneziano tem um raio de alcance menor, o acesso as feiras na área central da cidade se restringem a apenas 11,1% dos moradores da localidade, que procuram mercados mais próximos como os mini boxes do próprio bairro (33%), ou mercados de porte intermediário com acesso ao crédito pessoal (22%) em bairros próximos como o Malvinas, ou não tão próximos como no bairro da Liberdade. Os consumidores locais restantes (33%) com um maior poder aquisitivo, acesso ao crédito ou acesso a transportes individuais, buscam Supermercados atacarejistas como o Assaí no bairro Jardim Paulistano e no Maxxi Atacado no Dinamérica ambos ainda na zona norte da cidade.

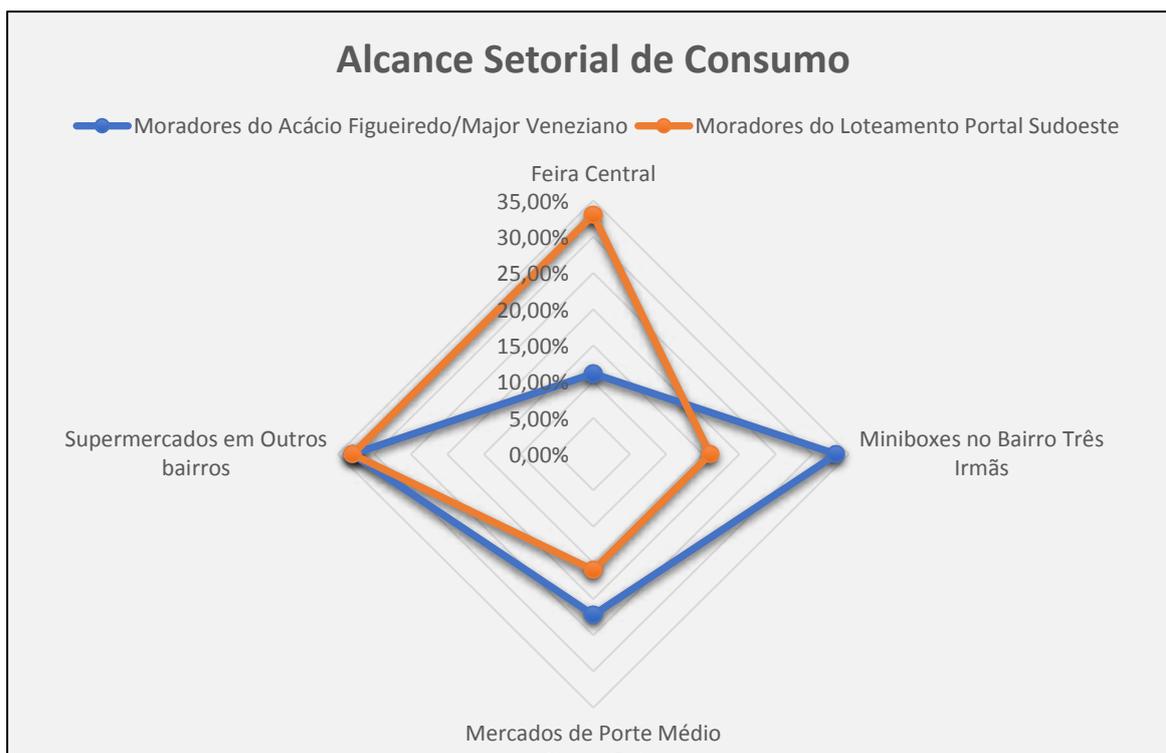


Figura 7: Raio de alcance setorial de consumo dos Moradores das Três Irmãs Fonte: Estudo de campo em: Julho de 2018

Portanto, podemos atestar que há diferentes níveis de estratos sociais e espaciais no bairro das Três Irmãs e que estes estão inseridos quanto ao consumo em disposições desiguais, ou seja, com um diferencial de consumo difuso, em função da renda, de distintas exposições ao efeito-demonstração³⁰, do acesso ao crédito, e principalmente das condições de mobilidade.

No que diz respeito a inserção dos diferentes moradores nos sub circuitos. Os moradores do loteamento do Portal têm acesso ao comércio moderno em mesma medida que os moradores do Acácio Figueiredo e Major Veneziano. No entanto, os tipos de produtos consumidos no comércio moderno por esses últimos, tendem a se restringir aos mais essenciais e baratos. Condição que é paralela à dificuldade de acesso ao circuito inferior central fato que demonstra o quanto o raio e potencial de consumo desses mesmo moradores é menor se comparado aos moradores dos loteamentos do Portal, especificamente no que diz respeito ao consumo nas Feiras Central e da Prata.

³⁰ A proximidade da classe média a estratos socioeconômicos superiores, lhe confere um ímpeto maior de consumo a bens de capital em relação as camadas mais pobres residentes nos Conjuntos habitacionais.

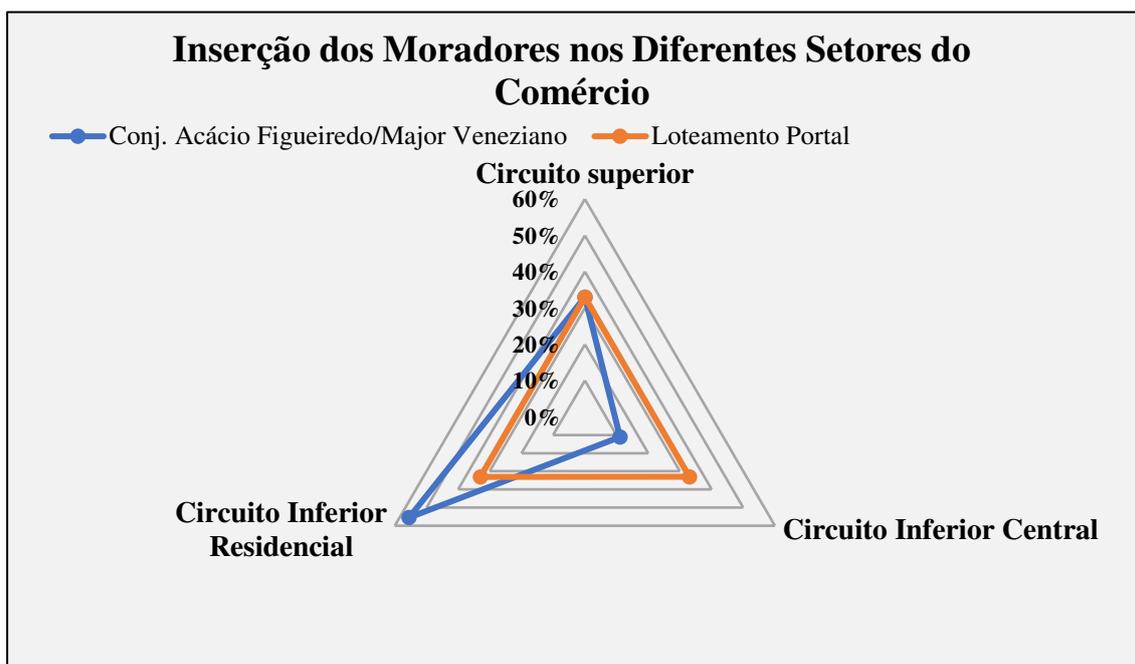


Figura 8: Consumo dos moradores por setor do comércio nos circuitos da Economia Urbana de Campina Grande. Fonte: Estudo de campo em Jul,2018

3.5 Os desajustes da governança urbana campinense e suas implicações para a economia urbana da cidade

O Estado tem um papel preponderante nesse aspecto da espoliação de mais-valia e de criação de uma “segunda cidade” em Campina Grande. O empreendedorismo urbano³¹ que se têm adotado nos últimos na cidade é um dos causadores dessa nova segregação na alça sudoeste ,por meio das parcerias público-privadas na construção das casas do MCMV ,em que o Estado assume os riscos enquanto as empreiteiras e incorporadoras não correm algum risco quando ao investimento de alto retorno.

O último aspecto a se considerar sobre a expansão urbana é o do marketing, a construção dos conjuntos habitacionais e principalmente do complexo habitacional Aluizio Campos atende à uma demanda dos grupos sociais hegemônicos que comandam o planejamento urbano da cidade uma imagem a ser vendida para atrair investimento para as cidades, em um enfoque da “economia política do lugar e não do território” (HARVEY,2015, p173).

O plano estratégico de desenvolvimento- Campina 2035 aprovado nesse ano, é uma demonstração de como as parcerias público-privadas tem tido um grande papel na governança urbana da cidade os grupos sociais hegemônicos dos comerciantes,

³¹ Sobre os problemas do empreendedorismo urbano (HARVEY,2005, P171)

industriais, lojistas e empreiteiras formam alianças e dividem interesses em comum que desembocaram na construção e aprovação do projeto que prevê aumentar a atratividade da cidade para investimentos através de uma integração entre as instituições públicas e privadas para aumentar a capacidade da cidade captar recursos externos³².

No entanto, os encargos com a aquisição de infraestrutura pública necessariamente é deixado para o Estado, (SANTOS,1979) e (HARVEY,2005), enquanto que as firmas se encarregam de absorverem parte dos desempregados, como já discutimos anteriormente, o que não tem-se apercebido pela sociedade campinense, é que a conta acaba sendo paga pela população mais pobre, em forma dos tributos a serviço da dívida.

O endividamento se tornou necessário no sistema capitalista (necessariamente se tratando de um desenvolvimento social) e não *a priori* de um crescimento econômico, principalmente em uma cidade de um país subdesenvolvido como é o Brasil. No entanto, o endividamento quando parte de uma necessidade de abrir as portas para o capital industrial que pouco emprega (SANTOS,1979), ou para a realização de programas habitacionais que trazem mais custos para a sobrevivência dos habitantes na periferias.

Ao fazermos uma comparação com a capital do Estado, João Pessoa, percebe-se uma discrepância entre esta e Campina Grande em relação a dívida ao tesouro nacional. Campina Grande de 2000 a 2018 teve um crescimento da dívida de 683% em comparação aos 1,8% de João Pessoa. Obviamente, João Pessoa por ser capital, recebe um maior contingente de recursos federais e recolhimento de tributos.

Observa-se de uma certa competitividade interurbana entre as duas cidades, principalmente no quesito da industrialização. Esse fator político em Campina Grande tem um respaldo cultural da população que positiva a aparente necessidade de crescimento econômico. Mas as consequências tendem a se agravar caso esse quadro não se adeque as condições reais de investimento da cidade. Tornando cada vez mais os custos de vida na cidade mais onerosos e inviáveis para a população pobre.

³² O plano pode ser consultado no endereço eletrônico:< <http://www.campinagrande2035.com.br/>>

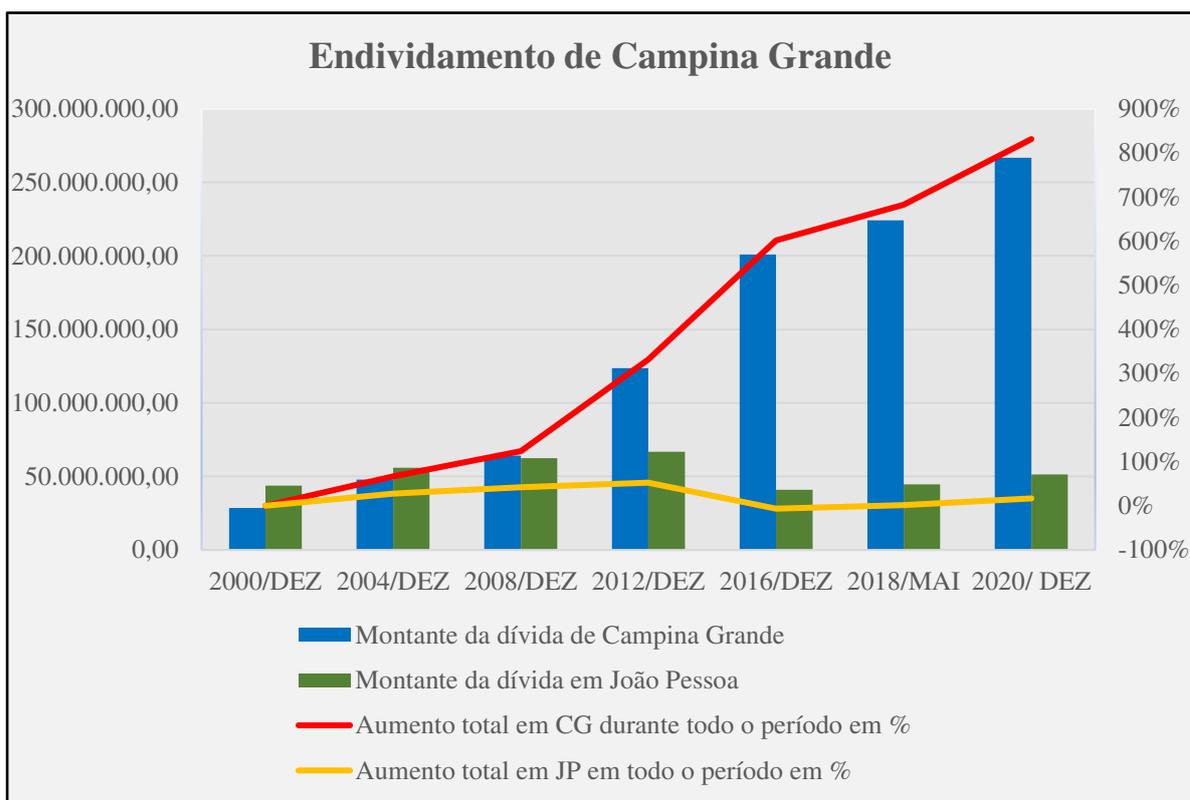


Figura 9:Endividamento o Município de Campina Grande em Comparação ao de João Pessoa-PB
Elaboração: O Autor, **Fonte:** Banco Central do Brasil, 2018 Acessado no site:

3.6 A Feira Sudoeste: Resultado da exclusão e possibilidades de conquista de justiça social na cidade.

A feira sudoeste tem seu início no mês de agosto por iniciativa da ONG - Movimento Ajuda Mútua (MAM) ,após aprovada em junho o mesmo ano a sua regulamentação em projeto de lei de Nº 393/2017 na câmara municipal, assim como da concessão do uso da área pública para fins de comercialização de produtos próprios de feira livre. Foi previsto a fiscalização por parte da SESUMA³³ das atividades realizadas na feira, cabendo a MAM cadastrar devidamente os feirante e emitir relatórios mensais das atividades realizadas.

A feira nos seus primeiros meses – em especial nos três primeiros meses em que o representante da MAM estava à frente – nesse período foram promovidos vários eventos para atrair a população das proximidades e de outros bairros, assim como:

³³ Secretaria de Serviços Urbanos e de Meio Ambiente

Bingos, festas infantis, bandas locais, entre outras atividades. Após o terceiro mês haviam cerca de 210 bancas, que ofereciam os mais diversos produtos.

A criação da feira idealizada e efetivada através da MAM, na verdade era apenas o primeiro passo de um projeto chamado “Recomeçar”, que compreendia ainda mais duas etapas subsequentes: A segunda seria a criação de um banco comunitário e a terceira a criação de um centro de formação em Economia Solidária (ECOSOL). A proposta objetivava tornar mais cômodo para a população da área consumir e gerar renda para as famílias residentes na área. A fala do presidente reflete os motivos que levaram à criação do projeto:

“A gente criou a feira exatamente por causa do processo de segregação. Quando eu vim morar aqui há dois anos atrás, eu percebi que todas as frutas aqui eram caras. Uma palma de banana era 5 reais. Eu morava no bairro São José em João pessoa que era arrodado de bairros ricos com uma segregação social e geográfica que criava uma barreira (...) aqui a segregação é geográfica , por que ,até se você vem de João pessoa pra ir pro sertão ,você corta a cidade exatamente pela alça sudoeste. É como se parte sudoeste não existisse para a cidade(...)” (entrevista concedida pelo presidente da MAM. em 23/06/18).

No entanto, como já foi dito , no decorrer dos meses a feira perdeu boa parte dos feirantes e da clientela, pois, na gestão anterior desempenhada pelo presidente da MAM, havia uma maior organização, a promoção de vários eventos como bingos, festas para as crianças com palhaços, músicas regionais ao vivo. divulgação pelas redes sociais. O que não vem acontecendo com a coordenadora atual – que sucedeu a do presidente da MAM – que inclusive é feirante ,mas há meses não tem estado na feira. A desestruturação do projeto no decorrer dos anos, leva a um questionamento pertinente, “a feira tem futuro?”

(...)Tem, depende das pessoas que estejam trabalhando na feira e queiram ver ela seguir, mas precisamos de muita ajuda, de banheiro, caixa de lixo, mas é união que faz a força, se todos se reunirem e a gente for até a prefeitura (os grande do poder), a gente tem condição de melhorar, agora se só 4, 5 se reúnem a feira não sai do buraco. (entrevista concedida por A .L feirante em :30/06/18).

A fala anterior nos responde a primeira pergunta, de fato é necessária uma ação coletiva organizada e coesa, mas responde também a uma segunda pergunta que não foi feita, existe uma nova liderança com um histórico de luta? E de fato, existe, não apenas pela sua fala, mas pelo relato da vontade de muitos pela entrada dessa nova liderança.

A mesma feirante na ausência da coordenadora e com auxílio do antigo coordenador e presidente da MAM tem promovido sopões e bingos na feira, pra novamente tentar trazer os clientes e estimular os feirantes que ainda resistem.

(...)A gente quer ver subir essa feira, quer ver crescer, a feira da prata era assim desse mesmo jeito, eu digo a você porque eu tenho um banco na feira da prata. Quando fui trabalhar lá, era na lama desse mesmo jeito e hoje tá do jeito que tá, porque ali foi união, foi força meu filho, ali fizemos sindicato fizemos tudo ali. (...) (entrevista concedida por A .L feirante em :30/06/18).

É necessário enfatizar que a Feira parte de um processo de territorialização de um espaço que em desuso, passa a se tornar público no momento que se dá uso pelos feirantes. E que a organização foi um fator preponderante para a territorialização desses feirantes, visto que sem o regimento da feira, não haveria a concessão do terreno por parte da prefeitura.

Poder-se-ia indagar se de fato presenciamos um processo de territorialização, visto que como foi dito o território não tinha uso aparente. A resposta parte em primeiro lugar da colocação de nossa concepção de território e para isso nos emprestamos do termo “campo de força” (SOUZA,2017,p.40) o território é em primeira análise um receptáculo das relações de poder que delimitam um determinado espaço ,assim como seus usos. E, portanto, a auto instituição e delimitação de seu uso, confere aos seus detentores poder em detrimento de outros usos e outras delimitações. Nesse contexto a Feira Sudoeste é o resultado da produção do espaço em função de facultações e exigências territorializantes(SOUZA,2017.p39)

O aparente “desuso” do solo urbano, não seria portanto a toa, visto que o Estado(Poder Municipal) tem controle ao menos virtual sobre todo o território municipal, portanto, o terreno subutilizado, seria uma reserva, possivelmente para a construção de mais casas, ou, até de outros aparelhos públicos, mas a iniciativa dos moradores em instaurarem uma determinada funcionalidade para aquele espaço que contrapunha ao que fora pensado pelo a princípio poder público.

A luta pela territorialização nesse âmbito continuou em outras roupagens, pois houveram investidas de políticos da situação e aliados para tomarem a feira, não no aspecto material desse território, de delimitarem os usos, mas sim de transformarem o imaginário, ou melhor dizendo, o significado, em vez de uma feira fruto de uma luta coletiva, seria uma feira resultante da “boa vontade dos políticos”.

logo que começou a feira era uma coisa nova ,então vislumbrou-se muita coisa e teve muita situação política de grupos políticos emergindo querendo se aproveitar isso aquilo outro, **querendo ser o pai da criança** (entrevista concedida pelo presidente da MAM. em 23/06/18).

Destarte, é importante que os feirantes não percam identidade territorial criada pois é justamente ela que ainda os mantém ligados a feira, pois a desterritorialização desse espaço público implicaria não apenas na perda de suas possibilidades de sobrevivência, mas também na morte de um lugar (um espaço dotado de simbologias significadas e experiências) percebido e vivido que imprime e introjeta significações no imaginário dos indivíduos e na intersubjetividade dos moradores do bairro Três Irmãs que tanto carecem de espaços públicos.



Foto 10: Sopão e Bingo realizados pela nova chapa para nova coordenação, em: 01/07/18.

Conclusões

Os efeitos do empreendedorismo urbano ao tratar a cidade de Campina Grande como uma corporação tem respaldo na política urbana da cidade e o seu planejamento atrelado à política nacional de habitação. Essa conformação tem acentuado a segregação socioespacial na cidade, principalmente na Alça Sudoeste com a construção de vários conjuntos habitacionais encarecidos de vários aparelhos urbanos e serviços, culminado no agravamento das disparidades sociais e que se evidencia na necessidade da criação da Feira Sudoeste.

O aumento do desemprego na cidade, assim como no Brasil, tem reflexos muito mais graves sobre as pessoas que moram nessa periferia da cidade. O afastamento do centro da cidade, de possíveis postos de trabalho e de suas formas usuais de aquisição de renda os levam a dirimir cada vez mais as condições dignas de vida urbana e o acesso a outros espaços da cidade.

A segregação gerada em função da renda diferencial do solo urbano e da renda de monopólio (HARVEY,1980), necessitam cessar, seja a partir, de se impedir o aumento do perímetro urbano, sua redução, ou a cobrança de taxas através do IPTU progressivo.

Os terrenos ociosos e as obras de infraestrutura criadas em locais desocupados, são responsáveis por gerarem custos indevidos para as populações mais pobres da cidade e tem justificado a segregação em nome do discurso de que: “A cidade que não tem mais para onde crescer”. Fazendo com que a cidade se espraie e crie reservas de valor especuláveis de solo urbano.

A saída para se superar os efeitos da segregação e da pobreza urbana em que a populações periféricas da cidade são sujeitadas, é a inserção no circuito inferior da economia, ou seja, trabalhar de maneira informal, seja em adaptação da casa à bodegas e mini boxes, seja por meio de bancas no Conj. Major Veneziano, ou a criação da Feira Sudoeste no Conj. Acácio Figueiredo.

Destarte, as condições de trabalho se é precarizada na medida em que a necessidade se torna maior e a falta de capital também. O Estado (poder público municipal) tem um papel preponderante na manutenção da pobreza, pois, enquanto abre vias e oferece infraestrutura para redes de supermercados do circuito superior, como o Walmart no bairro Cruzeiro, enquanto no circuito inferior da economia, retira os banheiros públicos da Feira Sudoeste, e retira com tratores e multas os comerciantes do Conjunto Major Veneziano.

Observamos que a Feira Sudoeste tem em sua grande parte trabalhadores advindos do próprio conjunto Acácio Figueiredo, muitos destes sem nenhuma outra fonte de renda e que são obrigados a recorrer em maior parte as redes atacadistas, ou a atravessadores, demonstrando uma dependência para com o circuito superior da economia.

Nessa mesma conotação, o espaço dividido chega a se estratificar, inclusive dentro da própria periferia da Alça Sudoeste da cidade, em que os moradores dos Loteamentos do Portal têm um acesso bem maior ao circuito inferior central e superior da cidade, se comparado aos moradores do Acácio Figueiredo e Major Veneziano que consomem principalmente no circuito inferior residencial, demonstrando, que a renda é função do alcance de consumo.

O comércio do Major Veneziano, de fato, se encontra em área imprópria de acordo com o projeto, mas só existe pela ineficácia da gestão atual de dar continuidade a

obra, construindo uma praça onde se encontra os comércios (que estava no projeto original) e concomitantemente um espaço de comércio próximo que é o querer de muitos comerciantes e moradores.

Enquanto a Feira Sudoeste, que já empregou mais de 420 pessoas, nas 210 barracas que possuía no início, demonstra o potencial de geração emprego e renda e de condições de consumo de produtos de qualidade aos moradores tão afastados das feiras no centro da cidade. E apesar das atuais dificuldades, apresenta já novas articulações lideranças e um novo projeto para reedificar a função de geração de lazer, trocas, vivências e cultura que a feira outro dia produziu.

Entretanto, enquanto organização coletiva, os feirantes necessitam ocupar os espaços institucionais, e reivindicar melhorias, se esquivando do clientelismo político e das investidas à cooptações dos representantes do Estado. Os partidarismos devem ser colocados de lado em nome da única bandeira a ser levantada, que é a da própria feira. O clientelismo foi por muito tempo e ainda é, um dos grandes entraves dos atores coletivos na busca pela justiça social e direitos coletivos.

Entrave esse, que só poderá ser superado através de uma *identidade coletiva*³⁴ criada a partir das *experiências*³⁵ (interação indivíduos com o lugar), das representações que os indivíduos constroem em sua trajetória social com os envolvidos, formada pelas escolhas do ator coletivo, desemborcando no *projeto*³⁶(PEREIRA,2017) que só pode ser benéfico a todos a partir de uma organização horizontal e de atores sociais que representem de fato os feirantes

É necessário reestabelecer as alianças que outrora foram frutíferas como a ONG MAM e estabelecer novas alianças, com os moradores, com a associação de moradores do bairro, com a representação de outras feiras da cidade, e principalmente com os representantes das outras tantas feiras da periferia da cidade, como a das Malvinas e Liberdade por exemplo.

E, por fim, os partidarismos devem ser colocados de lado em nome da única bandeira a ser levantada, que é a da própria feira, o clientelismo tem sido por muito

³⁴ *Idem.* A identidade coletiva é o conjunto de representações que definem o ator no campo e frente ao qual se dá sua ação.

³⁵ Para SILVA (2002) a experiência é constituída pelas representações que os indivíduos vão construindo a partir de sua trajetória social.

³⁶ *Idem.* Organização da conduta de um determinado ator, no sentido de alcançar os objetivos a que o mesmo se propõe.

tempo e assim como ainda é, um dos grandes entraves dos atores coletivos na busca pela justiça social e direitos coletivos.

A Feira Sudoeste é de fato resultante das disparidades sociais e é um reflexo direto da pobreza, mesmo assim com todas as suas dificuldades presentes, se mostra como um exemplo de luta e resistência e intervenção no espaço urbano através da solidariedade entre os sujeitos das classes dominadas. Os aspectos positivos que ela traz consigo não se restringem apenas a aquisição de renda pelos feirantes, mas também de aquisição de um lugar de vivências, de trocas e de urbanidade para os moradores das Três Irmãs.

Por fim, o Estado na instância de unidade federativa e também municipal, deliberativamente deve arcar com os custos sociais que a penetração do capital e da modernização tem desempenhado no território de Campina Grande. Estaríamos talvez em tempo de revermos a política urbana de nossa cidade e para quem a cidade deve ser construída. O modelo de crescimento urbano que Campina Grande tem sido colocada não se apresenta de maneira sustentável socioeconomicamente.

Os novos Movimentos Sociais que tem nascido nos últimos dois anos na cidade, tem nesse momento uma brecha e uma oportunidade de diálogo com as várias comunidades e grupos sociais de base popular, os espaços institucionais precisam ser ainda mais ocupados por estes.

Para isso a estratégia necessita ser repensada, talvez não seja mais apenas através do centro para a periferia que iremos mudar a estrutura de dominação e a máquina urbana de desigualdades, mas sim da periferia para o centro, de periferias dissidentes, e da união dessas periferias tão heterogêneas entre si.

Referências Bibliográficas

LIVROS:

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **A Questão Urbana**. Tradução de Arlene Caetano. Vol. 48. São Paulo. Paz e Terra, 590p (coleção pensamento crítico). 2000.

DINIZ, L, S. Paraíba: **Pluralidade e Representações Geográficas** /Anieres Barbosa da Silva, Henrique Elias Pessoa Gutierrez, Josias de Castro Galvão, Organizadores. – Campina Grande: EDUFCEG, 2015. p.87-96.

GOTTDIENER, Mark. **A Produção Social do Espaço Urbano** – São Paulo :Editora da Universidade de São Paulo, 1997. 2ª ed. p.310.

HARVEY, David. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

_____. **A Produção Capitalista do Espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005.

LUXEMBURG, Rosa. **A Acumulação de Capital: Estudo Sôbre a Interpretação Econômica do Imperialismo**. Tradução de Moniz Bandeira. Rio de Janeiro: Zahar Editores . 1970.

LACOSTE, Yves. **Os Países Subdesenvolvidos**. Tradução Américo E. Bandeira. São Paulo : DIFEL.1981. 15ª ed. 118p.

LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Moraes, 1991.

MARX, Karl 1818-1883. **Contribuições à Crítica da Economia Política / Karl Marx**; Tradução e Introdução de Florestan Fernandes. — 2. Ed. – São Paulo: Expressão Popular ,2008. 288p.

PROUDHON, Joseph. 1809-1865. **O Que é a Propriedade?** – Tradução Marília Caetano – 2. Ed: Editorial Lisboa. 1975.

RECLUS, Elisée,1830-1905. **Da Ação Humana na Geografia Física: Geografia Comparada no Espaço e no Temp**. Org e Trad. Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário. 2010a.

_____. **O Homen e a Terra: A cultura e a Propriedade**. Org e Trad. Coêlho. São Paulo: Expressão e Arte: Editora Imaginário. 2010b.

SANTOS, Milton. **O Espaço Dividido: Os dois circuitos da economia urbana nos países subdesenvolvidos/** Milton Santos tradução de Myrna T. Rego Viana – Rio de Janeiro: F. Alves, 1979a.

_____. (1979b) **Pobreza Urbana**, 2, Ed. São Paulo: Hucitec.

_____. (1978) **Economia Espacial, Críticas e Alternativas**. São Paulo, EDUSP:

_____. (1980) **A Urbanização Desigual: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos** – Petrópolis: Vozes.

_____. (1982) **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo, Hucitec.

_____. (1997) **Metamorfoses do Espaço Habitado**, 5ª ed. São Paulo, Hucitec.

_____. (2013) **A Urbanização Brasileira** – 5,d., 3.reimpr.– São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 2013.176p.

SILVEIRA, M. L. **A Natureza Relacional dos Circuitos da Economia Urbana**, In: OLIVEIRA, F.J.G at al. [organizadores] **Geografia Urbana: Ciência e Ação Política**. – Rio de Janeiro :consequência, 2014. (p. 155-178).

SMITH, N. **Desenvolvimento Desigual: natureza, capital e a produção do espaço**. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOJA, Edward Willian. **Geografias Pós-Modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica: tradução [da 2ª. ed. inglesa] Vera Ribeiro; revisão técnica; Bertha Becker, Lia Machado** – Rio de Janeiro : Zahar. 1993. 323 P.

SOUZA, Davisson C. C. **O Desemprego na Contemporaneidade: novas e velhas questões**. XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Campinas-SP Unicamp, 2003.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade – Uma Introdução Crítica ao Planejamento E à Gestão Urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais**. São Paulo: UNESP, 2004.

_____. **ABC do Desenvolvimento Urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2005.

_____. **Por uma Geografia Libertária**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2017.

ARTIGOS E PERIÓDICOS:

PEREGRINO, L. N; BATISTA, M. R. R- **A Feira Central de Campina Grande (PB) e O Campo do Patrimônio: disputas por espaço e legitimidade**. I Cosmos Brasil , Belo Horizonte- MG ,maio de 2017.

Disponível em: <https://www.even3.com.br/Anais/eventosicomos/60065>

PEREIRA, D,M,F. **Os Movimentos Sociais Urbanos No processo de Reestruturação das Zonas Especiais de Interesse Social em Campina Grande/pb: o caso da zeis “invasão do pelourinho”**. In SIMPURB, 15 ,2017, Salvador, anais... 2017. Salvador :Univeridade Federal da Bahia. p.1-19.

CARDOSO. C A. A. **A Cidade Cogumelo: Campina Grande das Feiras às Festas: –Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 01, nº 02, 2002 .41-60. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/180/189>>**

CORRÊA, R. L. **Rede Urbana e Formação Espacial – Uma reflexão considerando o Brasil** – Revista Território, Rio de Janeiro, ano V, nº 8, pp. 121-129, jan.jun., 2000.

DANTAS, A. **Circuito Espacial de Produção e Lugar** – in: Sociedade e Território – Natal. Vol. 28, N. 1, p. 193 -199. Jan./Jun. de 2016.

SÁTYRO MAIA, Doralice. **A periferização e a fragmentação da cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande-PB**, Brasil. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. [En línea]. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2010, vol. XIV, nº 331 (80). Disponível em : <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-331/sn-331-80.htm>>. [ISSN: 1138-9788].

SILVEIRA L. M, FREIRE A. G. e DINIZ P. C. O – **Polo da Borborema: ator contemporâneo das lutas camponesas pelo território**. Agriculturas v. 7 - n. 1, março de 2010. p.13-19. Disponível em: <http://aspta.org.br/revista/v7-n1-construcao-de-territorios-camponeses/polo-da-borborema/>

SANTOS,K,L. Uma Nova Pobreza Urbana? A financeirização do consumo na periferia de São Paulo. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais[em lineal], 2014,16 9Mayo-Sin mês). Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513951681010>

SILVEIRA, M. L. **Crises e paradoxos da cidade contemporânea: os circuitos da economia urbana**. In: SIMPURB, 10., 2007, Florianópolis. Anais..., 2007. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. p. 1- 21.

SPOSITO, E. S. **A Teoria dos Dois Circuitos da Economia Urbana nos Países Subdesenvolvidos: seu esquecimento ou sua superação?** Caderno Prudentino de Geografia. Presidente Prudente :AGB, 1999, n.21. p. 43-51.

TESES E DISSERTAÇÕES

ALMEIDA, D,R,G. **Mobilidade Social Sem Mobilidade Espacial: “nova classe média” e transformações no espaço urbano em Campina Grande (pb)** – Campina Grande, 2015. 107p. Dissertação(Mestrado em Ciência Sociais) –Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2015.

COSTA, Leonardo Barboza. **Estruturação da cidade de Campina Grande: as estratégias e intencionalidade do mercado imobiliário** / Leonardo Barboza da Costa. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba) UFPB/CCEN João Pessoa, 2013.

LIMA, Yure Silva. **A Política Habitacional em Campina Grande – PB (1988-2009)**, Dissertação, (Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Paraíba), UFPB, 2010.

PEREIRA, William Eufrásio Nunes. **Reestruturação do Setor Industrial e Transformação do Espaço Urbano de Campina Grande–PB a partir dos anos 1990** (Tese). Natal. UFRN, 2008.

SANTOS, C,R,S. **A Nova Centralidade da Metrópole: da urbanização expandida à acumulação especificamente urbana**. São Paulo, 2013. 279p. Tese(Doutorado em Geografia) -São Paulo, Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2013

DADOS SECUNDÁRIOS ACESSADOS

SPC BRASIL, CNDL. **Indicadores Econômicos SPC Brasil e CNDL**,2017. acesso em 12/07/2018.

IPEA. **Indicadores de Emprego do Brasil**, acesso em 12/07/2018.

<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

IPEA **Censo Demográfico :População Residente total por Municípios da Paraíba**, 2017 , acesso em 18/07/2018.

<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>

[Ministério do Trabalho, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, in IPEAdata, 2018 Acessado em: 18/07/2018](http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml)

<http://bi.mte.gov.br/cagedestabelecimento/pages/consulta.xhtml>

Banco Central do Brasil: **Endividamento de Estados e Município**, 2018, acesso em 24/07/2018 em:

<http://www4.bcb.gov.br/fis/dividas/lmunicipios.asp?estado=PB&restart=0000000000>

NOTÍCIAS E OUTRAS INFORMAÇÕES

<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2015/09/minha-casa-minha-vida-entrega-1948-casas-na-paraiba>

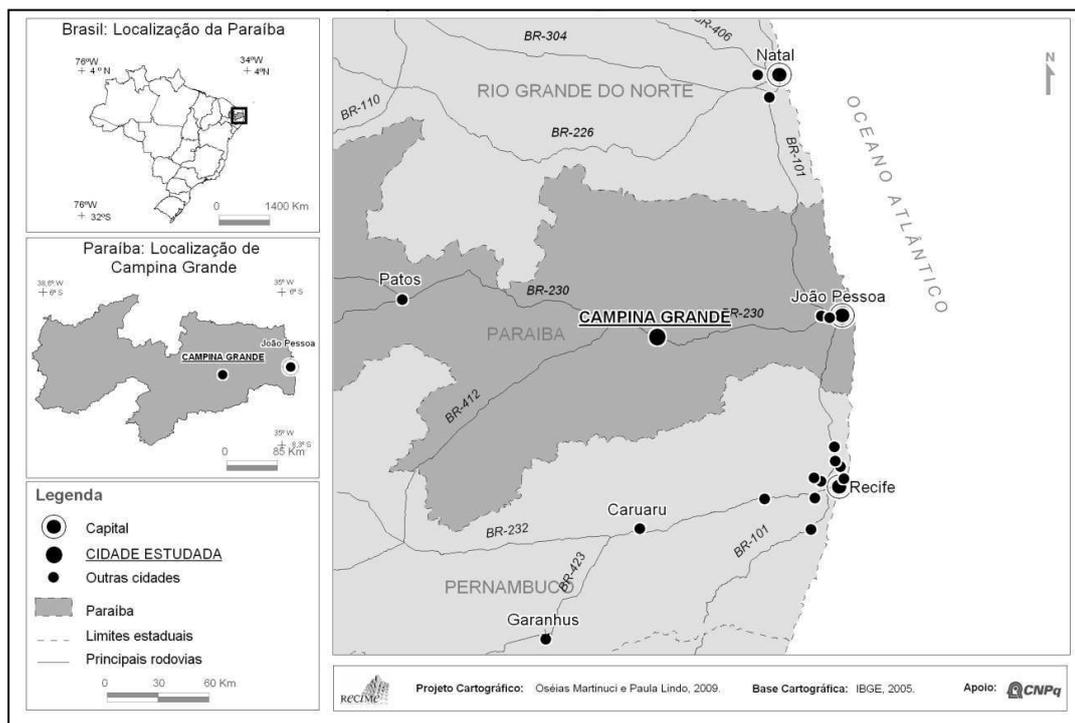
<http://www.brasil.gov.br/infraestrutura/2013/12/campina-grande-pb-recebe-1-488-unidades-do-minha-casa-minha-vida>

<https://www2.pbagora.com.br/noticia/paraiba/20150512154401/romero-anuncia-primeiras-empresas-que-ocuparao-areas-do-aluizio-campos>

http://www.jornaldaparaiba.com.br/vida_urbana/inscrito-para-o-aluizio-campos-tem-ate-dia-20-para-mudar-endereco-cadastrado.html

<http://www.jornaldaparaiba.com.br/politica/camara-aprova-plano-estrategico-de-desenvolvimento-campina-grande-2035.html>

ANEXO I:



Mapa I: Área antes da construção da Feira Sudoeste Dez; 2016 Fonte: Google Earth, em 25/07/2018



Mapa II: Área antes da construção da Feira Sudoeste Dez; 2016 Fonte: Google Earth, em 25/07/2018



Mapa III: Feira Sudoeste ,Dez; 2017 Fonte: Google Earth, em 25/07/2018.

Anexo II

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Curso de Geografia
Questionário – Consumidor da Feira Sudoeste

Sexo: () Masculino () feminino **Idade:** _____

Data: ____/____/____

A- Onde você mora? E onde morava antes?

B- Qual a sua ocupação atual?

C- Com que frequência você consome na Feira Sudoeste?

semanal quinzenal mensal raramente

D- Quais produtos você costuma comprar mais na Feira Sudoeste?

Alimentos perecíveis (carnes, laticínios, frutas, hortaliças e legumes) Alimentos não perecíveis (cereais, massas, doces, temperos, etc.) Itens de limpeza e higiene

outros: _____

E- Por que você compra nesta feira?

Proximidade com a residência variedade de produtos Preços menores dos produtos Cordialidade no atendimento Acesso ao fiado

outros: _____

F- Além desta feira, você costuma comprar em outro local? Qual?

G- Qual a renda média da sua família?

Menos que um salário mínimo Entre 1 a 2 salários mínimos Entre 2 a 3 salários mínimos mais que 3 salários

H- Em sua opinião, qual a importância desta feira? E o que poderia melhorar nesta feira?

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Curso de Geografia
Questionário – Comerciante da Feira Sudoeste

Tipo de banca _____

Data: ___/___/___

Sexo: () Masculino () feminino **Idade :**

E- Onde você mora? E onde morava antes?

F- Além deste trabalho na feira, você possui outra fonte de renda?

() Não () Sim Qual? _____

G- Quantos membros de sua família estão envolvidos no trabalho na feira Sudoeste?

() Nenhum () Sim. Quantos: _____

H- Possui algum empregado neste seu comércio?

() Nenhum () Sim. Quantos: _____

I- Qual era a sua ocupação anterior?

J- Onde você costuma abastecer o seu comércio?

() EMPASA () Comércio atacadista

Outros: _____

G – Qual forma de pagamento você utiliza para comprar mercadorias?

() Dinheiro () Crédito () Outro: _____

H- Em relação a sua clientela, você costuma vender através do fiado?

() Sim () Não

I- Qual é a principal forma de pagamento dos clientes?

() fiado () dinheiro () outro: _____

J- Onde mora a sua clientela?

K- Em sua opinião, o que poderia ser feito para melhorar as condições da Feira Sudoeste?
